

sejar com a condição que tinham depois della, & que os ricos tendo na vida riquezas mal adquiridas, erão depois da morte atormentados. Este desejo de Euclides tem agora muitos Christãos, que fazendo vida de Epicuros, querem a morte dos Justos. Tal era o de Balão, que estando em peccado mortal, & aparelhado para amaldiçoar o povo de Deos, dizia: *Moriatur anima mea morte Justorum.* Permitta Deos, que morra eu como morrem os Santos, & os Justos. Bom desejo era este, pois era de boa morte, & de salvação; mas os meynos erão de peccados, que queria executar. Queixume he este, que S. Bernardo fazia a Deos, vendo que ninguém ha, que não deseje salvarse, & possuir gloria, sem querer merecella por obras santas: *Quàm pauci Domine post te ire volunt, cum tamen ad te pervenire nemo sit qui nolit; volunt omnes te frui, sed non te imitari.* Que poucos são, Senhor, os que querem ir apoz vòs, sendo assim que todos querem chegar a gozar de vòs, querem vossa gloria, & recusaõ vossa Cruz; pretendem salvação, & não curaõ de a merecer, & de tal modo vos querem gozar, que o alcancem sem vos imitar; desejos de Euclides, que desejava ser Cresso na vida, & na morte Socrates. Por estes taes diz David: *Mors depascet eos.* A morte se apascentará nelles: *Quia semper morientur ad vitam, & semper vivent ad mortem,* diz S. Bernardo: Serão pasto da morte, porque sempre morrerão para a vida, & sempre viverão para a morte, viverão como quiserão, a morte será como Deos quizer: *Hic caro vermibus, illic anima ignibus deputabitur.* O corpo ficará para os bichos da terra, a alma para o fogo do inferno.

Psal. 48.

Bernard.

Alémo.

Alemo.

Mudança.

*Consideração primeira.**Gen. 30.*

Duas vezes se faz menção do Alemo em as divinas Letras; a primeira, quando Jacob lançou no tanque, ou represa de agoa, ramos de alemo verdes, para que vindo o gado beber, vendo a variedade de cores em a agoa, conce-

Osee 4.

besse geração de varia cor. A outra, quando Deos por Oseas se queixa, que o seu povo fazia sacrificios debaixo de arvores frescas, como carvalhos, alemos, & terebynthos. Esta arvore ainda que era do numero das infelices, por não dar fructo, nem se semear, não deixou de ter veneração para com os Antigos. O ter significação de mudança, attribuem muitos à folha que lhe cahe, & o deixa sem frescura, no que ha engano, porque pela mesma razão convinha a outras arvores, que perdem a folha, o mesmo significado de mudança. O segredo consiste nisto, que a mesma folha do alemo branco tem em si variedade de cores, mostrando de hũa parte hũa brancura como de neve, & da outra hũa cor muito verde, de modo que em cada folha varia as cores, & essa foi a razão porque Jacob as lançou na agoa, fazendo a seu intento esta variedade. Na do alemo entendião os Antigos as duas principaes partes do tempo, que sempre se vão variando, succedendo hũa à outra, como he o dia, & a noite, figurados nas suas folhas. Por isso

Probus.

diz Probo, & Plinio, que he esta arvore dedicada a Hercules, porque os Filozofos por Hercules entendião o tempo, & o alemo tem isto commum com os tempos, que depois do Solsticio as suas folhas vão dando hũa volta, & fazendo mudança de si. Dizia mais a Antiguidade fabulosa, que o ter o alemo variedade em as folhas, nascera de quando Hercules fora ao inferno, que levàra na cabeça hũa capella de folhas de

alemo,

alemo, & aquellas (que sendo de antes brancas , ficãrão da parte exterior) se fiserão pardas , & escuras com a negridão do lugar ; mas as que ficãrão da parte de dentro , receberão mais brancura , por serem lavadas com o suor da cabeça de Hercules. Isto são absurdos de Gentios , ainda que debaixo destes fingimentos não deixavaõ de encobrir muy boa , & proveitosa doutrina. A resolução he , que o alemo significa mudança pelo que temos dito , & não he espanto que à sua sombra fisessem os Israelitas sacrificios a deoses falsos , pois fazião mudança da adoração do verdadeiro Deos aos idolos , sendo varios na Fé , em cuja confissão devião perseverar. E desta mudança fala David , quando diz dos Israelitas : *Mutaverunt gloriam suam in similitudinem vituli comedentis fœnum.* Mudãrão a gloria de Deos em hum pedaço de idolo , que era semelhança de hum boy , que estava comendo feno. Do que Jeremias com rafaõ fazia tão grande queixa , dizendo , que considerassem bem , se a Gentilidade mudara algũa vez os seus deoses , que na verdade não erão deoses : *Po-* Osee 4.
pulus verò meus mutavit gloriam suam in idolum. Nunca Gentios mudãrão os seus deoses , & o meu povo mudou a sua gloria em hum idolo. Grande cegueira deste povo , contentarse mais de deoses , que erão de pedra , & pao , que de hum Deos , & Senhor , de cuja Omnipotencia , & misericordia sabião tanto , & hum Deos que se de algum attributo se glorea , he de nunca se mudar : *Ego Deus , & non mutor.* O que Tobias lhe advertia em as praticas que fazia a alguns , dizendo que olhassem como vivião , & permanecião na Fé , porque erão filhos de santos , & esperavão aquella vida que Deos ha de dar : *Iis qui fidem nunquam mutant ab eo , àquelles que* Ps. 105.
nunca mudão a Fé , nem a vontade , nem o coração delle. O que tambem S. Paulo adverte , tratando daquelles , que tendo conhecimento de Deos , se deixão vencer de cousas do mundo , entregando-se a vicios , & peccados , de sorte que *Mutaverunt gloriam incorruptibilis Dei in similitudinem ima-* Jer. 2.
Mal. 3.
Tob. 2.
Rom. 1.
ginis

ginis corruptibilis hominis, &c. Mudarão a gloria de hum Deos immortal, & incorruptivel pela semelhança da imagẽ do homem corruptivel, serpentes, & bestas feras. Mudarão a verdade de Deos em mentira, & mais quiserão servir à creatura, que ao verdadeiro Creador. Tudo nos peccadores he mudança, & o serem mudaveis do peccado lhe vem. O que Jeremias diz em figura de Jerusalem: *Peccatum peccavit Hierusalem, propterea instabilis facta est.* E vem a dizer, que de hũa alma commetter peccados lhe nasce o ser mudavel, & inconstante.

Consideração segunda.

August.

Diz Santo Augustinho, que toda a creatura he mudavel, & todo o mudavel he vicioso. E que tudo se muda, senão Deos; mas todo o mudavel foi creado pelo incómutavel Deos. Da mudança he figura a Lua, porque cada dia a vemos mudada de menos chea a mais chea, & assim pelo contrario, padece defeito, & diminuição. Por isso o Espírito Santo diz, que o nescio se muda como a Lua: *Stultus ut Luna mutatur.* Todo o homem que se muda do bem para o mal, se pôde chamar nescio. E acerca da Lua significar mudança, diz

Eccl. 24.

Ambros.

Santo Ambrosio, que se a Lua tem suas mudanças, com mais razão as terão as cousas da vida, às quaes essa Lua serve com seu ministerio. Porque se essa Lua que tem effeitos na terra, cresce, & mingua, como não haverá variedades no que fica inferior a esse Ceo da Lua. Se vos entristece ver que a Lua (quãdo mais fermosa vos alumea de noite) se esconde no mar do Occidente, se vos molesta vela minguar de sua belleza, imaginai a vossa alma, que por ventura quando està mais chea de

Ambros.

resplendor de virtudes: *Per inconstantiam mentis studia sua sepe commutat.* Por sua inconstancia, & pouca firmeza do amor de Deos depressa muda os propositos, & bons intentos. O que he grande ignorancia. E do tal se diz: *Stultus mutatur ut Luna.* O nescio como Lua se muda. Por isso o sabio

Eccl. 27.

não

não se muda como a Lua, mas permanece com o Sol. Vede a diferença disto, que a Lua não se muda por sua vontade, & o homem por sua vontade se muda. Ella espera a vossa redempção, & o verse livre de sua obrigação, & vós impedis esta vossa redempção, & seu livramento: *Tua ergo stultitia est quod dum expectaris, & non converteris, adhuc & illa mutatur.* He pouco entendimento vosso, que em quanto se espera por vossa conversão, ella se muda, & vós não acabais de vos mudar, & converter a Deos. A Lua mingua para que encha os elementos, & essa vossa alma não se diminue de peccados, para que se encha de virtudes, & graça do Ceo.

Ambros.

Estranha muito S. Chrysofomo, que vejamos cada momento tão grandes mudanças, quantas vão na vida, & quantos successos nos contão admiraveis da variedade della. Tantas ruinas, & terremotos, tantas mortes, & castigos do Ceo, sem fazermos mudança de nossos males, ao bem perennal, q̄ he Deos: *Celeres mutationes existūt, & ruinae, & neque sic corripimur.* Assim vivemos, como se não houveramos de morrer, assim edificamos, como se sempre houveramos de ficar.

Chryf.

Mudanças sofrerão se nos homens, se forão do mal para o bem, mas mudarem se do bem para o mal, he mal intoleravel: *Grave est mutari in peius*, diz Santo Ambrosio: Couisa pesada he mudar se o homem para o mal. E o que hoje he abstinente, à manhã seja comilão; o que he pacifico, dê em ser inquieto, & o que he casto, se torne incontinente. Seja o homem como a imagem figurada na moeda, que sempre tem hũa figura immudavel: *Imago in drachma immutabilis eundem habitum servans.* Tenha sempre o mesmo ser, a mesma fé, & caridade, & havendo de se mudar, seja para mayor bem, & mais alta perfeição, indo de virtude em virtude. Diz Santo Augustinho, que ha hũa mudança que a graça faz para o bẽ; & outra, que a culpa faz para peyor: *Est mutatio in deterius, quam facit culpa, & in melius, quam facit gratia.* O mudarmonos para peyor, nossa maldade o faz, o mudarmonos para

Ambros.

Ambros.

August.

Cant. 3.

melhor bem, não he virtude nossa, mas graça do Omnipotente Deos: *Tenui eum, nec dimittam*, diz a Alma Santa: Como hũa vez tive a Deos, agasalhei-o para nunca o largar. Não me mudarei disto, nem o deixarei ir, por mil difficuldades que se me offereção: *Quæ tenetur, & tenet*, diz Bernardo: *Tenet fidei firmitate, tenet devotionis affectu, tenetur potentiâ, & misericordiâ Dei*. Aquella alma, que tê a Deos com a firmeza da Fé, & com o affecto da devoção, tambem Deos tem mão nella para se não mudar, com seu poder, & cõ sua misericordia infinita.

Bernar.

Bernar.

Consideração terceira.

Iob 3.

Gregor.

AS mudanças quer S. Bernardo que se louvem, ou vituperem, conforme a materia em que se fazem. He cousa afrontosa (diz elle) mudar parecer, & proposito, quando elle he bom, & ao não ser, fica a mudança delle sendo louvavel, & muito proveitosa. A maldiçoar Job o dia em que nasceu, & dizer: *Pereat dies, in qua natus sum*; pereça o dia em que eu nasci, diz S. Gregorio Papa que foi dizer mal da mudança desta vida transitoria, da qual se queria ver fóra, pela inconstancia, & variedade que nella ha. Pois por certo o mesmo foi a maldiçoar elle o dia de sua nascença, que dizer: *Dies mutabilitatis pereat, & lumen eternitatis erumpat*. Pereça o dia que consigo traz tantas mudanças, amanheça o da verdade, & say a o lume de eterno resplendor. Assim he de notar, que não disse Job: Pereça o dia em que fuy feito, mas o dia em que nasci, porque o homem foi feito em o dia da justiça, & nasceo no de sua propria culpa; a este póde aborrecer, & querer mal, ao outro engrandecer, & dar por isso muitas graças a Deos.

Chryf.

S. Chrystomo diz, que as mudanças desta vida são as horas, & os dias. E se formos fazendo consideração de todos os tempos, & idades do mundo, acharemos que sempre nelle houve mudanças de manhã para a tarde, q quer dizer, do bem para

para o mal. Pela manhã tudo hia bem, à tarde tudo estava mudado em mal, & hia para peyor. Foi manhã quando Adão foi criado, & teve luz dos preceitos, & mandados de Deos; foi tarde quando os peccados crescerão tanto, que foi necessario afogallos em hum diluvio de agoas. Tornou no tempo de Noe a haver outra manhã de bem, & boa ordem de cousas, & tornou a haver outra tarde de vicios, & peccados infames, q̃ foi necessario extinguillos com fogo do Ceo. E depois disso atégora forão succedendo outras tardes, & manhãs; estas de bens, & aquellas de males, com mudanças vituperaveis, pois são do bem para o mal. Nòs outros, vendo que as cousas da vida são mudaveis, & nada firmes, não deixamos de as amar; das permanentes que duraõ para sempre, nenhum caso fazemos. Amamos como permanentes, as cousas que se mudaõ; as que nunca passaõ, porque sempre duraõ, estimamos em pouco. Mas ainda he mais de notar, que a arvore que plantastes, fica para largos annos, as casas que fizestes, ficaõ para vidas compridas, & o que plantou a arvore feneceo, & o q̃ fez as casas acabou. E com ser isto assim: *Tanquam immortales* *hæc omnia comparamus*, como se fomos immortaes grangeamos cousas mudaveis da vida. Sendo assim, que não somente vemos as mudanças em nossos córpos, na faude, & na idade; mas em os elementos do mundo, & em suas cousas, q̃ por fim são todas vaidades, como disse Salamaõ: *Vanitas vanitatum, & omnia vanitas.*

Gen. 2.

Gen. 7.

Gen. 18.

Chrysost.

Eccl. 2.

Salgueiro.

Herança.

Consideração primeira.

O Salgueiro he arvore esteril, & infecunda, como lhe chama Santo Augustinho, & S. Gregorio; & com tudo não deixa de ter bom significado; porque às vezes do que

August.

Gregor.

parece mais inutil, fahe mais proveito, & do mayor avarento melhor herança. Este he o salgueiro infrutuoso, que alcançou a tenção de herança, porque o seu proprio nome em lingua Hebraica quer dizer herança, ou alegria de herança. Assim como o salgueiro nasce junto aos rios, & fontes de agoas, que alegrão, & agradão muito com sua vista, & sombra, assim da abundancia de riquezas, que as heranças trazem consigo, & riquezas, que são significadas em as agoas, nascem as alegrias, & prazeres dos que as alcançãõ; porque às heranças andão juntos prazeres; & ainda que os herdeiros mostrão que chorão, & sentem a morte daquelles a quem succedem, com tudo diz muy bem Seneca, que o pranto do herdeiro he riso mascarado: *Hæredis fletus sub persona risus est.* Porque se o riso se houvesse de disfarçar, houvera de mudar-se em cousa contraria, para que não conhecessem que era o riso, pois se o quereis ver com mascara, vede o pranto de hũ herdeiro, que não he verdadeiramente pranto, mas riso que se encobre debaixo daquelle fingido pranto, & em nenhũa pessoa póde o riso fazer melhor esta figura, que no herdeiro, o qual finge que chora, mas interiormente se está rindo, alegre, & contente com a herança que lhe fica. E por isso conveniente cousa he, que o salgueiro em Hebreo queira dizer gostos das heranças, de que he proprio dar prazer, & alegria, como dizia Deos ao povo Idumeo por Ezequiel: *Gavisus es super hereditate domus Israel.* Folgaste com a herança da casa de Israel, a qual quifeste sopear, & senhorear como cousa tua. E o significar esta arvore heranças, não só se devem entender as temporaes desta vida, mas tambem as celestiaes que esperamos. Mandar Deos no Levitico, que o povo de Israel em certa solennidade colhesse ramos de salgueiros, junto das correntes de agoas, quando hia para a terra de Promissão, era darlhe certesa do contentamento, que havia de ter com a herança da boa terra, que cedo havia de possuir, como por muitas veses lhe disse: *Dabo vobis in hereditatem terram*

terram fluentem lacte, & melle. Heivos de dar por herança hũa terra que tem mananciaes de leite, & mel.

Consideração segunda.

T Ambem quando Deos por Isaias annunciou hum novo Bautismo ao povo de Israel, diz que aquelles que o recebessem: *Germinabunt quasi salices inter herbas*, florescerão como os salgueiros entre as hervas; porque como entre ellas os salgueiros significão herança, assim os novos bautizados ficão florecendo como salgueiros, porque pelo Bautismo ficão sendo filhos de Deos, & sendo filhos, logo são herdeiros, como diz S. Paulo: *Quòd si filii, & hæredes*. Porque em tendo nome de filhos, logo lhes pertence herança. E como elle diz escrevendo a Tito: Nos outros pela agoa do Bautismo, que he regeneração, & renovação do Espirito Santo: *Hæredes sumus secundum spem vitæ æternæ*. Justificados com a graça de Jesu Christo somos herdeiros da vida eterna, segundo a esperança que della nos dà. E o Apostolo S. Pedro dà muitas graças a Deos, porque segundo a sua grande misericordia nos regenerou para hũa viva esperança, pela Resurreição de Christo Jesu, da morte à vida: *In hæreditatem incorruptibilem, conservatam in Cælis in vobis*. Para por fim possuirmos hũa herança incorruptivel, & que nunca ha de mingoar, nem deixar de ser infinita, & immensa, como he, a qual està guardada, & cõservada para aquelles q̃ se conservã pela Fé, & boas obras, esperando a salvação que està aparelhada para se lhes manifestar no fim de sua vida. Pois por isso diz bẽ Isaias, que os bautizados florescerão como salgueiros, porque no florescer se significão as esperanças de que ficão vivendo, & nos salgueiros as heranças celestiaes, para as quaes são chamados, como diz S. Paulo: *Qui vocati sunt æternæ hæreditatis*. Por esta herança suspiremos, & esta pretendamos alcançar, lembrandonos da excellente herança que nos

Isai. 44.

Rom. 8.

Tit. 3.

1. Pet. 1.

Isai. 44.

Hebr. 9.

- Psal. 15.* pertence, como David lhe chama: *Hereditas mea praeclara est.* A qual he o mesmo Deos, & Senhor, que nos cabe em tão divina sorte, como dizia o mesmo David, que o Senhor he parte de sua herança: *Dominus pars hereditatis meae.* Elle o que lhe havia de restituir a herança que perdera em o primeiro Adaõ, recuperando-a em o segundo. E não cuidemos que para só a cousa em Deos ser nossa herança, porque elle nos estima tanto, que tambem diz, que nós somos a sua herança, & esta de que recebe cõtinuos fruttos, he hoje a sua Igreja Catholica, à qual por isso o Real Profeta chama gente bemaveturada: *Beata gens, cujus est Dominus Deus ejus: populus quem elegit in hereditatem sibi.* Ditosa a gente, de quem o Senhor he seu Deos, & ditoso o povo, que elle escolheo por herança sua. E quando Deos vè que hũa alma se aparta d'elle, & à redea solta corre a poz todos os vicios, parece que queixando se diz por ella aquellas palavras de Jeremias: *Facta est mihi hereditas mea quasi leo in sylva:* Esta alma que era minha herança, tornou se pelo peccado como hum leão, hũa besta fera, em as brenhas, & matas aonde vive; & eu com magoa minha: *Reliqui domum meam, dimisi hereditatem meam.* Deixei a casa que primeiro me deixou, sahime da herança donde me lançaraõ fóra; nunca eu sou o que deixo, se primeiro me não deixaõ; nunca eu engeito herança, porque tanto fiz, & me cancei. E pois o Senhor he nossa herança, como elle diz: *Ego pars, & hereditas tua;* & nós tambem o somos sua, já por herança nesta vida tomemos à nossa conta adquirir, & comprar seus preceitos, & seus testemunhos, como David dizia que o tinha feito: *Hereditate acquisivi testimonia tua in aeternum.* Porque recebia particular gofsto, & contentamento de guardar a Ley de Deos. E não sem mysterio, quando a sagrada Escrittura fala dos salgueiros, juntamente diz, que estaõ elles junto das correntes das agoas, porque junto ao Bautismo de agoa, q̄ he a materia deste Sacramento, andaõ as heranças do Reyno dos

dos Ceos, que o Senhor nos promette. E de que o Apostolo S. Pedro diz, que o Bautismo he o que nos salva, & enriquece pela Resurreição de Christo, o qual destruhio a morte: *Ut vitæ æternæ hæredes efficeremur.* Para nos fazer herdeiros da vida eterna, de cuja herança tenha por bem fazernos participantes, o que teve por bem participar de nossa humanidade, para a enriquecer de sorte, que sobindo-a sobre as Angelicas Potestades, a assentou à mão direita de Deos Padre. 1. Pet. 3.

Abeto.

Contemplaçãõ.

Consideração primeira.

E Sta arvore chamada em Latim Abies, naõ tem entre os Hespanhoes nome, pelo qual se conheça, deve ser porque em toda Hespanha naõ se acha tal arvore. Os Italianos lhe chamaõ Abete, ou Abeto. Fala-se nella muitas vezes na sagrada Escrittura, naõ sem notavel significação, a qual excellentemente descobrio o glorioso S. Gregorio Papa cõ muy proprias, & convenientes razões; dizendo que significa esta arvore a contemplaçãõ, porque commummente nasce em montes, & outeiros, levantando-se com seus ramos às nuvens. E assim diz elle, que por ella saõ significados aquelles, que no agradavel monte da santa Igreja, póstos em terrenos cõrpos, se levantaõ à contemplaçãõ das cousas celestiaes. E posto que por nascimento sahiraõ da terra, em a qual se haõ de tornar, com tudo contemplando sobem ao alto Ceo, o qual esperaõ possuir, como dizia S. Paulo, que toda a sua conversação era em os Ceos. E quer Deos, que entendendo nõs a força, & virtude, que a contemplaçãõ tem de levantar os corações a desejos de eterna vida, naõ sabendo conversar senaõ com Anjos, sejamos acendidos a contemplar os immensos premios, que nos tem aparelhado. As arvores que muito crescem para cima, como

Gregor.

Phil. 3.

como esta de que tratamos, buscaõ o Sol, segundo dizem os Filósofos. O Divino Sol de Justiça buscaõ os contemplativos, naõ olhando para cousas da terra, mas buscando as que em cima estaõ, & entre tanto crescem, & sobem ao alto. As arvores postas nos altos montes, naõ deixaõ de ser combatidas de ventos, & tépestades. As almas dos escolhidos com a claridade da divina contemplaçaõ, quanto mayores, & mais graves perturbações das cousas temporaes padecem algũas vezes, tanto mais se alegraõ, deleitaõ, & crescem em a meditaçaõ da eterna felicidade, que se lhes ha de seguir; & quando exteriormente começaõ a sentir a desigualdade da humana perversidade, entaõ chegaõ a gostar a doçura da interior quietaçã. Porque como diz S. Paulo, todos os que querem viver santamente em Christo, haõ de padecer perseguiçaõ. E quando o Justo se vir nella, diga com David: Vós Senhor sois meu refugio na minha tribulaçaõ.

I. Tim. 3.

Psal. 31.

Gregor.

Iob 28.

Tem as arvores que mais se levantaõ, mayores combates dos ventos, & assim os que mais sobem, & se levantaõ ao Ceo pela contemplaçaõ, saõ muitas vezes abatidos com mayores tentações, como diz o mesmo S. Gregorio Papa. A cõpuncçaõ humilha, & a contemplaçaõ levanta; & quando levanta, segue-se a tentaçã, para que o espirito se naõ ensoberbeça; porque se a contemplaçaõ levantar de sorte, que totalmente falte a tentaçã, facilmente cahirà a alma em soberba; & se a tentaçã opprimir de modo, que a contemplaçaõ naõ dè alivio, cahirà o Justo em delitto, mas por maravilhosa dispensaçã põem Deos a alma em hum meyo igual, que nem se ensoberbeça em os bens, nem tropece em os males: pelo que diz Job, que Deos poz as agoas em medida: *Qui appendit aquas in mensura.* O que se entende quando Deos põem o nosso sentido entre prosperidades, & adversidades, entre favores, & disfavores, entre graças, & tentações, para que nem com hũas cousas se abata, nem cõ outras se ensoberbeça. Emfim por significar esta arvore contemplaçaõ, he hũa das que
Deos

Deos por Isaias manda que se ponha em o seu jardim, que he a sua Igreja, aonde não póde faltar esta taõ excellente, & serafica virtude, com a qual o homem que foi criado para contemplar grandezas do Eterno Deos, busque sempre a imagẽ desse mesmo Senhor, & faça assẽto na solidade de seu divino amor. Isai. 41.

Consideração segunda.

A Contemplaçãõ (como diz Santo Augustinho) he August. aquelle grande bem, ao qual se pospõem todas as mais acções de virtudes; porque com muita ventagem vence todos os mais merecimentos de santidade. A sua definiçãõ cõfõrme este Santo Doutor, diz assim: *Contemplatio est perspicua veritatis jucunda admiratio.* He a contemplaçãõ hũa deleitosa admiraçãõ da reluzente verdade. Esta se não alcança sem oraçãõ, & sem ella, ou he rara, ou milagrosa; tem tres estradas por onde segue seu caminho, Purgativa, Illuminativa, & Unitiva. Saõ estas aquellas ricas despensas, aonde o Rey da Gloria agasalha a Alma Santa, a qual conhecida de taõ grande merce, diz: *Introduxit me Rex in cellaria sua: exultabimus, &c.* Em a primeira se achaõ comeres cõvenientes a hũa alma quando logo se converte a Deos, q̃ saõ lagrymas, gemidos, compuncções, paõ de dor, fruttos de penitencia, aborrecimento de peccados; com o alimento, que se acha nesta casa Purgativa, se entra na segunda, que he a Illuminativa, aonde vendo os Justos os resplandores das virtudes, & o lume da graça divina, se vaõ a Deos com toda a effiçacia, & por seu amor deixaõ todos os mais gostos do mundo. Apoz isto se entra em a sala Real, que chamaõ a Unitiva, aonde toda se une a Deos a alma, que toda se entrega a seu divino amor, pelo qual se levanta a grao de perfeiçãõ, dando a Deos tudo o que de si póde dar, & offerecendolhe todos os actos de puro amor, dizendo com a Esposa Divina: *Omnia poma nova, & vetera servavi tibi, dilecte mi,* ou como tem Cant. 1.
Cant. 7.
outra

outra verfaõ: *Amorem meum servavi tibi*. Naõ tenho, que-
rido Esposo, melhores coufas que vos offerecer, nem mimos
mais deleitõs que vos appresentar, que meu proprio amor,
disto se me segue alegria immensa: *Exultabis, & letabimur*.
Porque quem com vosco se une, goza de bens infinitos, &
possue ineffavel prazer, naõ taõ sõmente porque contempla
coufas alegres, mas porque ainda nas vossas mesmas Chagas,
& Payxaõ amargosa acha prazeres soberanos: *Qui adorat*
Deum, in oblectatione suscipietur, diz o Espirito Santo:
quẽ considerando grandezas de Deos, o adora, & reverencea,
ferà recebido em deleites, porque em quãto contẽpla a Deos,
se deleita nelle, & juntamente dà deleite ao mesmo Deos. E
no coraçãõ do contemplativo costuma levantar o mesmo Se-
nhor estandarte de seu divino amor: de sorte que põde a al-
ma contemplativa dizer: *Vexillum ejus super me charitas*,
que he outra verfaõ que tem aquellas palavras dos Cantares:
Ordinavit in me charitatem. Ordenou Deos em mim de
tal modo a caridade, que de seu divino amor arvorou estan-
darte em meu peito.

Consideraçãõ terceira.

Ricard. **O**S contemplativos saõ olhos de Deos, & da Igreja, por-
que como diz Ricardo de S. Victor, com a vista do
coraçãõ vem as coufas espirituas, & sobrenaturas, transfor-
mando-se em Deos, para o qual sõ olhaõ, naõ tirando delle a
vista. E he de saber, que a Igreja Catholica tem olhos puros,
dos quaes hum he o que fere o coraçãõ de Deos. Olhos da
Psal. 90. Igreja saõ os Anjos, que guardaõ os seus Fieis em todos seus
caminhos. Tambem os Reys, os Principes, & os Prelados,
saõ olhos que vigiaõ sobre as familias, & rebanhos que lhe
saõ commettidos. Os Sacerdotes, Doutores, & Mestres do
mesmo modo saõ olhos da Igreja, em cuja figura dizia Job:
Job 29. *Oculus fui cæco*. Os contemplativos tambem o saõ, os
quaes

quaes de continuo olhão para Deos, & de todos os olhos que temos dito, estes são os que ferem o coração de Deos. E por isso disse Christo, que melhor parte escolhia quem escolhia *Luc. 10.* ter taes olhos, pois com elles feria a Deos. Zacarias vio sette *Zach. 3.* olhos sobre hũa pedra approvada, pedra angular, & preciosa: *Septem oculos super lapidem probatum angularem pretiosum.* Mas destes sette olhos, o principal he o da contemplação, de que Deos se sente ferido: *Vulnerasti cor meum sponsa in uno oculorum tuorum.* *Cant. 4.*

São os olhos dos contemplativos olhos de pombas. A pomba he figura do amor, & por isso o Espirito Santo fonte, & principio do amor, appareceo sobre Christo nosso bem em *Mat. 10.* fôrma de pomba. Pombas que chorão são os contemplativos, porque como pombas com suspiros, & gemidos da alma dão testemunho de seu amor; & ainda que não falam pelo modo commum de falar, là tem hum particular, & mysterioso modo de significar seu amor, porque commummente em silencio falam, & sem palavras humanas declaram seus conceitos: *Oculi tui columbarum absque eo quod intrinsecus latet,* ou como tem outra letra: *Extra silentium tuum.* São os *Cant. 4.* vossos olhos (alma contemplativa) olhos de pomba, que falam sem terem voz, porque o vosso callar, & o vosso modo de silencio he mysterioso, significador de grandes cousas. Estes pois são os contemplativos significados nestas arvores altissimas, que se chamão Abetos. E assim aquellas palavras dos mesmos Cantares, aonde a Esposa Divina diz, que os cabelos de seu querido Esposo são como os mais altos ramos da palma: *Comae capitis ejus sicut elatae palmarum,* traslada Santo Ambrosio: *Crines ejus abietes.* E diz que estes são os *Ambrosio.* santos contemplativos, que procedem de Christo, Cabeça da Igreja, comparados aos Abetos, de que se fazem naos de Tharsis, que vão nadando sobre as ondas deste mundo, servindo de segura navegação para os que querem passar às Indias da gloria.

Buxo.

Innocencia.

*Consideração primeira.**Isai. 41.**Gregor.*

NÃO ficou esta arvore Buxo sem ter lugar em a divina Escrittura, sendo hũa das que Deos por Isaias manda que se trasplante em a sua Igreja, para nos dar a entender, como engenhosamente o considera S. Gregorio, que tambem na Igreja de Deos tem lugar hũa sorte de gente, que sem ter merecimentos proprios, nem obras porque mereça premio, se salva, & vai aos Ceos, como são os que estão no estado da innocencia, figurados no Buxo, do jardim do Senhor. Esta arvore diz o Santo que não se dilata, não se estende, não cresce, nem se levanta muito ao alto, & sobre tudo carece de fructo, & só tem não lhe faltar verdura, & frescura, o que bem considerado, por ella são significados aquelles que no gremio da Igreja pelo defeito da idade, ou lesão do entendimento, não pôdem fazer boas obras, nem occuparse em santos exercicios, nem crescer na perfeição de virtudes, mas participando da Fé dos pays pela agoa do Bautismo, tem, & conseruão em si o final de perpetua verdura, com a qual ficão capazes da eterna bemaventurança.

*Ambros.**Isai. 30.*

Santo Ambrosio diz, que o Buxo era apto, & conveniente para nelle se fazerem escritturas, & que sobre elle costumavão antigamente escrever os meninos, por onde dizia Deos a Isaias que escrevesse em o Buxo: *Scribe super Buxum*, porque he o Buxo figura da innocencia, sobre a qual se escreve tudo bem, tudo se imprime melhor em aquella terra idade.

Con

Consideração segunda.

A Innocencia he dom de Deos, como diz Santo Augustinho, virtude mais preciosa que o ouro, & que todas as riquezas. E a verdadeira he aquella: *Quæ nec sibi, nec alteri nocet*, que nem faz mal a si, nem aos outros, ainda que sejam inimigos; porque quem ama a maldade, aborrece a sua alma, & ninguém pecca contra o proximo, que primeiro não peque contra si. S. Chrystomo diz, que a innocencia se acompanha de humildade, & por isso he significada na ovelha, que he animal innocente. O mesmo diz Pierio referendo a S. Cypriano, o qual diz, que nos lembremos do vocabulo, que Christo nosso bem tomou para si, & para os seus Fieis, aos quaes chama ovelhas, & quer que o sejam na innocencia Christã, que sempre hão de conservar: *Oves nominat, ut innocentia Christiana ovibus æquetur*. He a ovelha animal muito manso, & simples. O seu mesmo nome em Grego significa pureza, & castidade, condições da innocencia. Esta figuravão tambem os Antigos em o peixe, porque a todos elles tinhão por innocentes, porque para fazerem mal, nunca os virão sair fóra de seu elemento. E esta ração dão alguns ao preceito de Pythagoras, o qual mandava por edicto, que não comessem peixe, por tirar occasião de perseguirem animas innocentes.

Tambem a innocencia foi significada em duas mãos que lavavão hũa à outra, como que estão mostrando, que não professão estar maculadas, mas puras, & limpas. Esta figura da innocencia he muy antiga no mundo, porque quando os homens querião mostrar que estavão innocentes de algũa culpa, que se lhes impunha, à vista do povo costumavão lavar as mãos, para que daquella limpeza mostrassem a que tinham na consciencia, de que erão accusados. Faz a este proposito que na Ley Velha mandava Deos, que quando no campo

August.

Psal. 10.

Chryst.

Pierio.

Cyprian.

Pierio.

Deut. 21

se achasse algum corpo de homem morto, de que se não sabia o matador, viessem os mais velhos da Cidade vizinha, & matando hũa beferra, lavassem todos as mãos sobre ella, para mostrar que estavão innocentes na morte daquelle cadaver, & assim dizião quando se lavavão: *Manus nostræ non effuderunt sanguine in hunc, nec oculi viderunt.* Dizia David, que se chegaria ao Altar do Senhor, & o cercaria lavando suas mãos entre os innocentes, mostrando que o estava tanto, como os que na realidade o erão. Assim Pilatos querendo lançar o delitto da Morte de Christo às costas dos Judeos, para dar testemunho de sua innocência, em publico lavou as mãos.

Deut. 21. Bem estava Job nesta figura da innocencia, quando dizia: *Munditiâ manuum suarum innocens salvabitur.* Na limpeza de suas mãos se salvarà o innocente. Sobre o qual diz S. Gregor.

Psal. 25. Gregorio: Aquelle que nesta vida he dotado de tão excellentem dom, que alcance ser innocente, quando apparecer em juizo, serà remunerado por seu merecimento daquelle Deos, & Senhor, que paga a cada hum segundo suas obras. Pois aquelle salva a justiça de Deos no juizo final, a quem nesta vida livra sua innocencia de obras perversas. Verdade he que aquelle juizo he tão terribel, que nelle desconfia de si a mesma innocencia, porque não ha homem nascido de molher, que entenda poderse achar justo, à vista daquelle Senhor, do qual diz Job: *Stellæ in conspectu ejus non sunt mundæ.* As Estrellas diante delle não são puras, o Ceo não està sem crime, & nos mesmos Anjos achou maldade; aonde S. Chrysofomo diz, que se a natureza impeccavel das Estrellas, & do mesmo Ceo (quanto à justiça de Deos) se acha peccadora, como pôde ser que appareça o homem justo diante delle, cuja natureza (ainda sem vontade de peccar) he peccado, & delitto.

Mat. 27.

Iob 21.

Iob 25.

Chryf.

Consideração terceira.

Considéra Santo Augustinho, que Deos nos ensina a guardar innocencia, & que cada hum a deve procurar, não por temor da pena, mas por amor da justiça. O modo em que consiste este dom da innocencia, declara o Apostolo S. Pedro quando diz: *Deposita omni malitiâ, & omni dolo, & adulatione, & invidiâ, & detractiõne, tanquam modò geniti infantes, rationabile, sine dolo lac concupiscite: Alcançareis o dom da innocencia, ponde de parte toda a malicia, todo o engano, adulação, inveja, & murmuração, como meninos, que agora nascêrão, suspirai pelo alimento da razão, & innocencia, como meninos pelo leite da mãy, para q̄ nelle cresçais em augmento de salvação, se gostais da doçura, & suavidade de Deos. Tal innocencia como esta, diz Santo Augustinho: *Sic tenere debetis, ut eam crescendo non amitatis.* De tal modo deveis ter mão della, que crescendo o curso da vida, já mais a largueis, porque ella he filha da caridade, a qual não se deleita com a maldade, mas alegra-se com a bondade. He simples como pomba, & sagaz como serpente, não por intento de empecer a outrem, mas por se acautelar de quem lhe quer empecer. Para esta vos exhorto, porque dos taes he o Reyno do Ceo, dos humildes, dos innocêtes, & dos que espiritualmente são pequenos. Esta innocencia tinha Job quando dizia: *Donec deficiam, non recedam ab innocentia mea.* Até que morra não me apartarei da minha innocencia. Aonde S. Gregorio diz, que aquelle se aparta da innocencia, que julga o mal por bem, absolvendo o peccador, & condenando ao justo, dizendo Salamão: *Qui justificat impium, & qui condemnat justum, uterque abominabilis est ante Deum.* Duas sortes de gente ha abominavel diante de Deos, hũa que justifica ao perverso, a outra q̄ condena ao justo. Porque ha muitos que quando louvãõ ccusas que devião*

1. Pet. 2.

Job 27.

Gregor.

Ezech.
13.

vituperar, fazem o delitto maior, dos quaes diz Ezequiel:
Vae quae consuunt pulvillo sub omni cubito manus. Ay dos
que põem almofadas, & brandos encostos para outrem def-
cançar nelles. Todo o que lifongea ao perverso, todo o que
aprova o mal doutrem, põem lhe traviceiro em que se en-
coste, cama branda aonde se recline, porque aquelle que por
sua culpa devia ser reprehendido, reclinado nella, se deixa es-
tar branda, & soffegadamente, estribado em falsos louvores:

Gregor.
Chryf.

*Ut qui corripit ex culpa debuerat, in ea fultus laudibus
molliter conquiescat.* Da innocencia diz S. Chrysoftomo
grandes louvores, considerando ao casto Joseph afrontado,
& posto em hum publico carcere, estando sem culpa algũa.
Alegra-te innocencia, (diz elle) alegra-te, porque em toda a
parte estàs segura, & inculpavel: *Si tentaris proficis, si hu-
miliaris erigeris, si pugnas vincis, si occideris coronaris.*
Em as tentações aproveitas, no abatimêto te levâtas, se es cõ-
batida vences, se te tirão a vida, es coroada; no mayor catti-
veiro estàs mais livre, no mayor perigo mais resguardada, nas
perseguições alegre, nas injustiças paciente. Os poderófos te
honraõ, os Principes te reverenceaõ, os grandes te buscaõ, &
todos te obedecem. Os malignos te invejaõ, os bons te abra-
çaõ, os inimigos se fogeitaõ, & nunca deixas de ser vencedora,
ainda que entre os homens te falte bom julgador, & quem te
faça justiça.

Amoreira.

Prudencia.

Consideração primeira.

N Aõ podia a Prudencia ser significada em mais conve-
niente planta, que em a Amoreira, como de tempo an-
tigo a quizerãõ significar os mais doutos Filozofos, q̃ o mun-
do teve, dando em rafaõ, q̃ esta arvore parece que em tudo se

ha

ha com prudencia, vindo os mais dos annos com abundancia de fruttos, q̄ sempre se lograõ, & raramente se perdem, cõ os quaes se não apressa a sair logo na Primavera, como fazem as outras arvores, q̄ em sentindo qualquer ar brando, & temperado, logo rebentaõ, & descobrem flores em fertilidade; pelo q̄ arriscão os fruttos a muitas adversidades do tempo, & mudanças do Ceo, fazendolhe mal os frios, as chuvas, os ventos, & outras muitas coufas, q̄ são causa de se não lograrem os fruttos. A Amoreira a respeito das outras arvores, parece q̄ só ella tem prudencia; porq̄ advertindo q̄ as chuvas, & frios são dous contrarios q̄ fazem muito mal a todo genero de plantas, sabe ella fogirlhe das mãos, dissimulando em não sair logo, que as outras de golpe sabem no principio do Verão; & deixando aquecer mais o tempo, espera q̄ o Sol suba mais, & o Inverno passe, então apparece, & descobre seus fruttos, vestindo-se de muitas, & muy grandes folhas. E tem mais de prudencia, que depois de sair cõ elles, poucos dias se detem em os dar maduros, o q̄ não tem as outras arvores, q̄ depois de manifestarẽ flores, vão tão devagar cõ o amadurecer dos fruttos, que nisso se passaõ muitos meses, cançando com os desejos a quem espera gozállos. No que a Amoreira he diferente, porq̄ de repente se veste de verdura, & de hum dia para o outro apparece cuberta de folhas, detendo-se muito pouco em dar maduras as suas amoras; de forte que quando o Estio entra com suas calmas, & a Canicula com seus ardores, já as tem entregues, ou em estado que nada lhes faça mal; dous notaveis effeitos, & sinaes de prudencia, descobriremse a tempo conveniente, & recolherse com melhor oportunidade.

Consideração segunda.

DA Amoreira faz menção a sagrada Escrittura, quando o Profeta David relata as muitas pragas, que vierão sobre a terra do Egypto, dizendo que lhe destruhio Deos as suas vinhas com pedra que do Ceo choveo, & as suas Amoreiras com chuva: *Moros eorum in pruina.* Aonde São Au-

Psal. 77

gustinho diz, que figurativamente pela chuva, que destruhio as amoreiras, se entende o vicio com que a caridade do proximo se esfria, & congela nas trevas da ignorancia, & que entao ficão as amoreiras perdidas, quando os prudentes, & sabios do mundo se hão como nescios, na pouca compayxaõ, & piedade que de seus proximos tem, como os prudentes do Egypto, aos quaes faltou a caridade para com os Israelitas, q̄ tanto perseguião, & por isso os matou, & destruhio sua propria dureza, & a muita frialdade de seus corações, que foi chuva que cahio sobre as amoreiras, significadas nos prudentes, & sabios daquelle povo.

Luc. 17.

Tambem o Salvador do mundo, estando à vista de hũa amoreira, disse a seus Discipulos, que se tivessem fé, & com ella mandassem àquella arvore que com seu tronco, & raiz se mudasse daquelle lugar, & fosse transplantar no meyo do mar, ella obedeceria logo: *Si dicetis huic arbori moro: Eradicare, & transplantare in mare: & obediet vobis.* E apõta S. Lucas, que esta arvore era amoreira, porque só os prudentes significados nella, sabem obedecer, ainda em cousas q̄

Ps. 118.

parecem impossiveis. Dizia David a Deos, que entao se soubera entender, que o soubera amar, & que entao chegara a ser prudente, que obedecia a seus mandados: *Prudentem me fecisti mandato tuo.* Fiestesme Senhor prudente para os vossos preceitos, o que não tem meus inimigos, que desprezaõ vossa Ley, sem a qual não ha prudência, pois não ha obedecer a vossos mandados. Por isso chamou o mesmo Christo fiel, & prudente àquelle servo, a quem commettendo o governo de sua familia, achou que obedecera bem a seus mandados: este tal

Mat. 24.

se chame: *Fidelis servus, & prudens.* E pelo contrario, aquellas Virgès, que não obedecendo a tantas admoestações do Ceo, se descuidarão do provimento necessario para a vin-

Mat. 25.

da do Esposo, se chamem nescias, & imprudentes: *Quinque autem ex eis erant fatue.* Porq̄ tal nome merece quem não vigia nas cousas que lhe são mandadas. Pois mande-se à

amo-

amoreira que se vâ pòr no meyo do mar, que ella obedecerà. Mande-se ao prudente que se ponha no meyo do mar das afficções, & de impossibilidades, que se lhe proponhão, que elle obedecerà a tudo, & nas mayores ondas de tribulações estará mais seguro. Esta sorte de prudencia escondeo Deos aos sabios, & prudentes do mundo, como Christo o significou a seu Eterno Pay: *Abcondisti hæc à sapientibus, & prudentibus.* Cujã prudencia se fundava em soberba, & vã gloria. Prudencia que elle reprova, como diz S. Paulo: *Prudentiam prudentium reprobabo.* Esta prudencia do mundo he a que não pôde obedecer à Ley de Deos, como diz Santo Ambrosio: *Talis prudentia non potest legi Dei obtemperare.* Por isso S. Paulo lhe chama prudencia da carne: *Prudentia carnis mors est,* porque por ella appetece o homem bês temporaes, que não perseveraõ com o homem, & algum hora se haõ de perder, & porque os taes prudentes só o saõ para offender a Deos. A sua prudencia he morte gerada de sua astucia. A prudencia do espirito he a que obedece a Deos, & não confia em cousas transitorias, nem teme males da vida. Tem prudencia da carne o que segue o mundo, tem prudencia do espirito o que o despreza, & busca a Deos, como a tinhaõ aquelles a que S. Paulo dizia: *Vos autem prudentes in Christo.* Esta prudencia do espirito he hũa das quatro virtudes Cardeaes, em que se funda o edificio de nossas almas, & della procedem todas as mais, como rios que sahem do Paraiso Terreal para regar toda a terra,

Mat. 11.

1. Cor. 1.

Ambros. Rom. 8.

1. Cor. 4.

Gen. 1.

Consideração terceira.

Santo Augustinho diz, que a prudencia he hũa sciencia das cousas, que devemos desejar, & daquellas que devemos fugir: *Prudentia est appetendarum, & vitandarum rerum scientia.* As partes de que consta, saõ memoria, entendimento, & providencia. Pela memoria se repetem as cousas q

August.

são passadas. Pelo entendimento se percebem as que de presente são. Pela prudencia se attenda a algúas que pôdem succeder. Em companhia destas aparta a prudencia bens de males, para que não haja erro em fugir destes, & buscar os outros. A prudencia ensina, que a pessoa não seja soberba, nem confie em cousas temporaes, & transitorias, quer que as possuamos como alheas, & emprestadas; ensina que em tudo sejais hum, assim nas bonanças, como nas adversidades. A prudencia ordena, como ordeneis as cousas de presente, & vos lembreis das passadas, provendo as vindouras. O prudente tem estas boas partes, que ama com temperança, serve com cuidado, fala por medida, manda com sossego, não se inquieta com adversidades, nem se queixa do que padece; não diz o que não pôde provar, nem compete com desigual, nem commette impossibilidades. O mandarnos Deos que sejamos prudentes como serpentes, declara o mesmo Santo em outro lugar, dizendo, que devemos imitar a serpente, que por defender, & conservar a cabeça, offerece todo o mais corpo ao inimigo. O Christão por defensão da cabeça, que he Deos sua verdade, & sua justiça, ha de offerecerse todo à morte, & tormentos, como sizerão os Martyres, & como dizia Matthathias:

1. Mac. 2 *Et si omnes obediunt Antiocho, sed non ego.* Aonde todos são tão nescios, que não acodem a defender a principal cabeça, não ferei eu assim, por grandes tormentos que haja de pade-

cer; despedace-se o corpo, perca-se a honra, a vida, & tudo o que nella ha, com tanto que se conserve a cabeça. A serpente antes de ir à agoa, põem de parte a peçonha. O que quizer beber agoas da graça, lance primeiro de si o veneno do peccado.

August. Dispa a pelle como faz a cobra: *Et nos pellem vitiorum deponamus, & per foramen stigmatum Christi transeamus, & pulchriores apparebimus.* Dispamos a pelle dos peccados, & passemos pelo rigor das Chagas de Christo, que assim appareceremos mais fermólos à vista de Deos. S. Jeronymo a este proposito diz, que pois Christo nos manda que sejamos

simples

simples como a pomba, & prudentes como a serpente, imitemos a simplicidade da pomba, & astucia da serpente, para que não façamos mal a outros, nem os outros a nós; mas que haja em nós hũa consonancia de simplicidade com prudencia: *Quia prudentia absque bonitate malitia est.* Prudencia sem bondade, não he prudencia, mas he malicia: *Et simplicitas absque ratione stultitia nominatur.* Simplicidade sem luz de razão he tontice, & ignorancia. Antisthenes Filosofo dizia, que a prudencia he muro fortissimo, que nunca vem ao chão, nem se toma por armas, nem à traição. He verdade que não ha muros tão seguros, nem torres tão fortes, que se não tomem, ou com instrumentos bellicos, ou estratagemas da guerra; mas o prudente he muro inexpugnavel, que com nenhũa cousa se vence, por mais que o combatão. Bion Borysthenes dava à prudencia tanto louvor, q̃ a avantejava às mais virtudes, como os olhos aos mais sentidos. Isocrates declarando os effeitos da prudencia, disse muito antes de Santo Augustinho, que a ella pertencia: *Præteritorum meminisse, agere præsentia, futura cavere.* Lembrarse do passado, tratar do presente, cuidar o vindouro. Seneca dando preceitos a hum amigo, que o ensinasse a ser prudente, lhe diz que quando a razão, & prudencia o governar, poderá elle governar a muitos: *Multos reges, si ratio rexerit.* Veja-se (diz elle) cada hum a si, & julgue o que acha em si. O que não tem largo patrimonio, não gaste mais do que he licito. O fraco não commetta cousas com que não póde, & ninguem comece cousas, cujo successo pende da ventura: *Malè geritur, quidquid geritur fortunæ fide.* Assim dizia Iphicrates Capitão astuto, que se não sofria hũa de sculpa que muitos dão, depois que as cousas lhe succedem mal: *Non putaram,* não cuidei isto, nunca tal imaginei, porque tudo o que póde acontecer ao homem, ha de ser tão escludado, & premeditado, que nunca diga, tal não cuidei.

Laerc.

Laerc.

Seneca.

Plutar.

Olmo.

Amparo, Favor.

*Consideração primeira.**Isai. 4.**Gregor.*

Diz Deos por Isaias, que havia de fazer do deserto hum jardim de deleites, no qual havia de pôr o cedro, a oliveira, o olmo, o buxo, & outras arvores. Palavras em q̄ quiz significar, que do deserto da Gentilidade havia de fazer hum vergel de frescura, que hoje he a sua Igreja Catholica, em a qual tem muitas virtudes significadas naquellas plantas. Agora he de perguntar, porque manda Deos que neste seu jardim se ache o olmo, ou que significação he a desta planta. O que inquirindo S. Gregorio Papa, diz que por ella se entende qualquer pessoa, que não podendo dar fructo espirital, pela occupação de negocios que tem, necessarios ao trato da vida, com tudo serve de amparar, & remediar a outros, favorecendo a pobres, & ajudando a gente miseravel. O olmo (diz elle) he planta, que não dà de si fructo algum, mas cresce junto das agoas, faz sombra fresca a quem se a elle chega; serve sua madeira para sustentar as videiras, & estas mesmas se encostaõ, & arrimaõ aos mesmos olmos, enchendo seus troncos, & ramos de fermosos cachos de uvas. Por estes olmos se entendem os grandes, & poderosos, & em fim todos aquelles q̄ andaõ metidos em occupaões da vida, os quaes ainda que espiritalmente não daõ a Deos o fructo, que de continuo lhes daõ outras almas santas, porque negocios do mundo lhes não daõ tempo, nem lugar para isto; com tudo na Igreja de Deos he tambem necessaria esta sorte de gente, para se encostarem a ella as fracas, & humildes videiras, que saõ pobres, & necessitados; & para à sua sombra se agasalharem os afflictos, & atribulados, & para em seus ramos repousarem aves do Ceo, quando os grandes favorecem com suas esmolas a gente

gente estudiosa, & aos que vivem em Religiões, que depen-
dem da esmola dos ricos, como as videiras de coufa em que se
sustentem. Por isto he saõ conselho, que aquelles que naõ
põdem por si fazer excellentes obras de espirito, por anda-
rem occupados em tratos da vida, ou officios da Republica,
a que de necessidade haõ de acodir, pelo menos sejaõ olmos
que sirvaõ de sustentar plantas humildes, amparando aos po-
bres, remediando aos necessitados, & fazendo de continuo
muitas obras de misericordia; porque se Deos permite que
vivaõ, que floreaõ, & tenhaõ abundancia de bens dentro des-
te seu jardim da Igreja Catholica, naõ he para os guardarem,
mas para que com elles ajudem aos outros. Faz muito esta
doutrina com o entendimento de outro semelhante passo,
aonde nos Canticos apontando o Divino Esposo, em figura
de arvores, as virtudes que quer que se achem no seu Paraíso
da Igreja, depois de nomear o Nardo, o Cynnamomo, Myr-
rha, & Sandalo, diz que entrem no numero todas as mais ar-
vores do monte Libano: *Cum universis lignis Libani*. Pe-
las quaes entende Ruperto os grandes, & poderófos do mün-
do, os quaes haõ de ser arvores que amparem aos pequenos,
porque pelas taes diz David: *Illic passeret nidificabunt*.
Alli se iraõ agasalhar os passarinhos, & aves do Ceo, que saõ
os Justos, & aquelles que professaõ religiaõ, & santidade, os
quaes achaõ sustentação, & amparo em casa dos grandes, &
com estas esmolas ficaõ os grandes supprindo tudo o que tem
menos de vida espiritual, os quaes ainda que andaõ occupa-
dos em negocios do mundo, com tudo saõ amigos dos po-
bres, & fazem muito boas obras às Igrejas, & Religiões, &
por tão quer Deos, que estas arvores do monte Libano flo-
reçaõ no seu Paraíso da Igreja: *Myrrha, & aloes cum uni-*

Cant. 4.
Rupert.

Pf. 103.

Cant. 4.

versis lignis Libani.
Con-

Consideração segunda.

Assim como os olmos parecem muito bem cheyos de cachos de uvas, que as videiras arrimando-se a elles, cõfião de seus ramos, servindo os olmos a ellas de amparo, & ellas aos olmos de ornato, & fermosura, fazendo todos boa conformidade entre si, assim dos ricos, & dos pobres se faz na Igreja de Deos hũa conveniencia muy conforme, huma uniaõ muito igual, os ricos sustentando aos pobres, & os pobres dando merecimentos aos ricos, & esperanças de gloria aos que os favorecem. As videiras entregão seus cachos aos ramos dos olmos; os pobres isso que tem, & pódem dar, aos ricos o entregão: *Res pauperũ divitibus creditæ sunt, quomodocumque possident*, diz S. Chrysofomo: As riquezas dos pobres de qualquer modo que elles as possuem, aos ricos estão entreguas. Se os ricos repartem com elles de suas riquezas, tambem os pobres lhe entregão as suas, que são muito mais para estimar. E assim fazem boa conformidade ricos, & pobres neste mundo. No Exodo mandava Deos, que o Tabernaculo se cobrisse de grã muito fina, & de pelles asperas como cilicio. Pois que sympathya tem o cilicio com a grã? A seda com o burel? Para com Deos muito grande. Porque se agrada muito da conformidade que ha entre ricos, & pobres, communicando huns aos outros seus haveres, & riquezas, de sorte, que ajudando os ricos aos pobres, sejaõ tambem ajudados delles, Deos satisfeito, a Igreja bem servida, & o Tabernaculo de Deos cuberto com estas cortinas, que com igual uniaõ fazem entre si ricos, & pobres; purpura, & cilicio, não se faz esta conformidade dos olmos com as videiras, & dos ricos com os pobres, quando estes estão famintos, & aquelles fartos; estes caindo com fome, & sede, & aquelles cheyos de manjares, & comeres saborófos; os pobres despídos, & nus, & os ricos cubertos de roupas muito

ricas.

*Chrysof.**Ex. 21.*

ricas. Não se fazia esta conformidade entre Lazaro, & aquelle Rico avarento, que o via estar padecendo às suas portas, & morrendo de pura fome, & elle tão farto, & cheyo de abundancias de cousas, sem se compadecer delle. O Rico não podia andar de gordo, & Lazaro com as muitas chagas que tinha, não podia dar huma passada, & desejava comer as migalhas que cahião da mesa do Rico, sem haver quem o soccorresse; os cães compadeciaõse delle, em lhe lamberem as feridas, & os homens nenhũa compayxaõ tinhaõ de seus males. Disto ha hoje muito no mundo, ricos cheyos, & fartos, pobres desfavorecidos, sendo faltas de pobres sobejos de ricos; que assim como muitos regatos de agoa vem a fazer grandes rios, assim pobresas de muitos vem a fazer a abundancia dos ricos. Por Isaias diz Deos: *Vae qui confurgitis ad ebrietatem sectandam, & opus Domini non respicitis, nec opera manuum ejus consideratis.* Ay de vós outros, os que de manhã vos levantaiis tratando de como haveis de passar o dia em comeres, & gostos da vida, sem vos lembrar das necessidades dos proximos, nem da obrigação de vossas almas, nem das obras que Deos fez, nem dos pobres, & miseraveis, que são feitura de suas mãos, havendo entre vós, & elles tão grande desconformidade. É certamente, que não tem o mundo mayor crueldade, que a dos ricos pouco esmoleres; cousa que Jeremias chorava, quando dizia: *Parvuli petierunt panem, & non erat qui frangeret eis.* Pedem os meninos pão, & não ha quem lho dê. Não diz que não ha pão, porque os celleiros dos ricos estão cheyos delle, senão que elles o não querem repartir com os pobres, aos quaes aqui chama pequenos, porque estes são pobres neste mundo, pequenos, desprezados, & tidos em pouco. Mas a quem se não compadece dos pobres, não lhe queirais mayor castigo, que o que diz Job: *Non remansit de cibo ejus, propterea non permanebit de bonis ejus.* Aquelle que não tem cuidado que lhe sobeje algũa cousa para o pobre, não hajais medo que

Luc. 16.

Isai. 5.

Thren. 4.

Job 20.

lhe

He drem muito os bens, porque a cousa que mais assegura os bens da vida, he a piedade dos pobres, favor dos affictos, amparo dos orfãos; estas cousas não sómente assegurão bens, senão que as prosperaõ, & accrescentaõ. Conforme isto procure cada hum ser olmo em o vergel do Senhor, que se estes crescem junto das agoas, por ellas se entendem os pobres, q̄ como agoas correm entre miserias, & necessidades para o mar da morte. Junto a estas agoas pódem crescer os ricos, fazendo o que diz o Espirito Santo: *Mitte panem tuum super transeuntes aquas, & post multa tempora invenies eum.* Lançai o vosso paõ sobre as agoas que vaõ correndo, & depois de muito tempo o achareis. Dai a vossa esmola aos pobres, que quando cuidardes que fica alli sumida, como quem lança paõ na agoa, depois de largo tempo que Deos vos darà de vida, achareis esta esmola depositada nas mãos dos Anjos nesse porto da Gloria, aonde vossas boas obras vos haõ de levar.

Eccl. 2.

Nogueira.

Virtude.

Consideração primeira.

DA Nogueira, ou do seu fructo fala a sagrada Escriitura em os Cantares, aonde se lem estas palavras: *Descendi in hortum nucum, ut viderem poma convallium.* Em as quaes diz o Divino Esposo, que desceo à horta das Nogueiras, para ver os pomos dos valles; palavras que não carecem de mysterio. Os Doutores sagrados, como S. Gregorio Papa, & Santo Anselmo, querem que pelo fructo desta arvore se entenda a virtude, a qual debaixo da dureza, & rigor da penitência, debaixo da asperesa do trabalho, encobre a doçura de sua graça, como a noz debaixo de sua dureza encerra suavissimo fructo. O mesmo vem a dizer Casiodoro, & Beda com
mais

Cant. 6.

Gregor.
Anselm.Casiod.
Beda.

mais outros Padres antigos. E quando pela dureza da noz se queira entender a dureza do peccador, como alguns neste lugar entendem a do povo Judaico, (ao qual desceo o Filho de Deos fazendo-se homem) seja assim, mas de sorte que quebrada essa dureza do peccador com a força da contrição, descubra dentro hũa doçura de lagrymas, de que se sustente esse peccador convertido, & ao diante se abraçe com a virtude. Desce pois o Divino Esposo: *In hortum nucum*, quando vem ver as virtudes, que acha na sua Igreja escondidas em os corações dos seus Fieis. A esta horta desce, ver se estão aparelhados, a que como nozes sejam trilhados, & maltratados, para descobrirem o thesouro da virtude, que dentro encerrão, & se estão dispostos para o imitarem na Payxaõ, & mortificação.

Este significado que a noz tem da virtude, funda se nisto, que a virtude tem apparencias rigorosas, mas no interior suavidade escondida; outra cousa he do que parece, mais doce, & proveitosa he por dentro, do que por fóra mostra, como o fructo da Nogueira, que he differente por dentro do que por fóra se vê. Diz S. Chrystomo, que quem attentar aos principios da virtude, achará que são todos duros, & trabalhófos, mas penetrando mais dentro, achará tudo facil, tudo agradável, & deleitoso. Nos vicios he o contrario; porque achando-se no principio gostos, & deleites, apoz elles se seguem castigos, & penas: *Virtus in arduo posita est*, (diz Seneca) & *quod vicinum honesto est*. A virtude está posta em difficuldades, & tudo o que está visinho a ella he difficuloso de se alcançar. Succedeo falar Socrates com Theodota famosissima na Grecia por sua fermosura, & solto modo de viver, & dizendolhe ella, que lhe levava muita ventagem, pois cada dia lhe tirava gente, que deixando a elle, se vinhaõ a ella, elle o não fazia assim, pois nenhum dos seus levava a si com sua doutrina, respondeo o Filosofo: *Non mirum: tu siquidem ad declivem tramitem omnes rapis, ego verò ad virtutem cogō*.

Chryf.

Seneca.

Laert.

go, *ad quam arduus ascensus est.* Não me espanto de ser assim, porque tu levas a gente de cabeça abaixo, por caminho que sempre desce, & eu a levo para a virtude, que he costa acima, por atalhos muy difficultófos. Esta he a condição da virtude, alcançarse com trabalho, mas seguirselhe immenso gofio, sendo o trabalho breve, & o gofio perduravel.

Consideração segunda.

Quem quizer saber o aposento, & lugar da virtude, considere a naquelle alto assento, aonde Santo Augustinho a confidérava: *Amans vitam beatam, timebam eam in sede sua.* Amava a vida santa, & bemaventurada, por sua nobreza, & fermosura, & temia a pela altura aonde a via posta, & eu me não atrevia a chegar. O Poeta Quincio pintou a virtude no mais alto de hũa palmeira, que estava sobre hũa fragosa penedia. Hesiodo a poz dentro de hũa cerca de suor, dizendo por essa tenção:

Hesiod.

Virtutem posuere dii sudore parandam.

Puserão os deoses a virtude em lugar, aonde com suor se ha de alcançar. Outra pintura teve antiguamente a virtude, que foi hũa molher anciã, encoftada a hũa coluna muito forte, com hum Hercules à sua ilharga. Pintava-se anciã, como alheya de liviandades, & louquices de gente moça; junto à coluna, porque a nenhũa cousa se rende a virtude; & Hercules apar della, que venceo tantos monstros, & a virtude tantas difficultades. Melhor figurão os Doutores sagrados a virtude na vara de Moyses, que venceo cousas tão prodigiosas, serpentes, rãs, molquitos, sangue, mortes, trevas, & outras grandes monstruosidades. Nem era possivel gozar a virtude de tanta gloria, se com difficultade se não alcançara, que como diz Santo Ambrosio, nunca he gloriosa a vittoria, se a guerra não for sanguinolenta. As façanhas de Hercules são famosas no mundo, porque seus perigos, & trabalhos

Ambros.

saõ

são estranhos em a gente. Macedonia deu braços aos mais
 esforçados Capitães, mas em cada hum delles pintavão o
 perigo do trabalho em que se vira; a hum escalando o muro,
 chovendo sobre elle settas de fogo, & pedaços de ameas; a
 outro cheyo de feridas, sustentando a bandeira com os co-
 tos das mãos. Dahi tomãrão as outras nações os escudos das
 armas, como em Hespanha os Castellos, as Serpentes, as
 Aguias, os Leões, os Grifos, as Colunas, as Estrellas, & as Co-
 roas; & ainda que muitos fundassem seus braços em verda-
 des, muitos os fundão em mentiras, porque andão estas mais
 correntes no mundo. Os Santos, que por virtudes suas entrã-
 rão em os Ceos, conquistando-os à força de braço, todos fo-
 rão valerófos soldados, porque como diz S. Paulo: *Señti sūt,* *Heb. II.*
tentati sūt, &c. Huns forão cortados, & despedaçados, ou-
 tros cerrados pelo meyo, outros assados, & fritos. Outros vè-
 cerão fógos, outros Ursos, & Leões. Todos emfim passãrão
 por penas, & amarguras, & assim alcançaraõ o premio que
 hoje gozão. Tem pois (como fica dito) a virtude principios,
 & apparencias difficultosas, mas no interior encerra doçura,
 & suavidade; & como diz S. Gregorio, as virtudes por seus *Gregor.*
 modos propios dão sustentação ao entendimento. E ca-
 da hũa dà convite em seu dia, como os filhos de Job tinhão *Job I.*
 dias, em que davão os seus; porque a sabedoria tem seu dia;
 a fortaleza, a piedade, & temor de Deos tem os seus, quan-
 do alumeão nossos entendimentos, & nos dão gosto, &
 deleite dos effeitos que em nós fazem. E porque as virtu-
 des escondem commummente na vida seu resplendor, S.
 Bernardo lhe chamou Estrellas, que de dia estão escondidas,
 & de noite resplandecem: *Nocte lucent, in die latent.* *Bernar.*
 Estrellas são as virtudes, & se ellas são Estrellas, fica o virtuoso
 sendo Ceo esmaltado de Estrellas rutilantes. E ainda que
 das nozes temos feito geroglyfico das virtudes, não lhes
 tira isso serem Estrellas, & serem lirios, porque como elle
 diz: *Virtutes lilia dicuntur,* são as virtudes lirios, & os vir-
 tuófos

Seneca.

Plat.

Laert.

Herod.

Plutar.

tuosos gozaõ destes lirios; mas hũa coufa he ter lirios, & outra naõ ter fenaõ lirios. Em Deos tudo saõ lirios, & os Santos tem alguns lirios. Muito faz o que na sua terra planta tres, ou quatro lirios, havendo nella tantos espinhos, & abrolhos. Da virtude dizia Seneca, que tudo mudava o nome, fenaõ ella: *Præter virtutem omnia mutant nomen.* Dizia mais, que o preço, & valor della, estava nella, & que o bem fazer era paga da boa obra, & que naõ havia mayor premio para a virtude, que fer virtude. Dizia Plataõ, que quanto ouro havia sobre a terra, & debaixo da terra, naõ era comparavel à virtude. Diogenes dizia, que os virtuosos eraõ imagens dos deoses, porque dos deoses (por serem de boa natureza) era proprio fazer bem a todos, & naõ fazer mal a alguẽ. Antisthenes dizia, que a virtude era arma que nunca se apartava de quem a trazia, porque o elmo, & capacete muitas vezes eraõ lançados por terra, & as espadas cahiaõ no chaõ; mas a virtude sempre anda armada, de sorte que a naõ pòdem vencer, & saõ suas armas immoveis. Agathocles sendo filho de pay olleiro, veyo por suas virtudes a ser Rey de Sicilia, & servindo-se à mesa com vasos de ouro, & de barro, tomando os de barro nas mãos, dizia aos que estavaõ presentes: Estes fazia algum tempo, mas agora faço estes (mostrando logo os de ouro) por industria da virtude, que he subtil, & engenhosa. Naõ se envergonhava este (diz Plutarco) do baixo estado que tivera, tendo por mayor gloria alcançar o Reyno por virtude, que herdallo por geraçaõ.

Giesta.

Lembrança.

*Consideração primeira.*3. Reg.
19.

A Giesta tem lugar na sagrada Escriitura, porque aonde em o terceiro livro dos Reys se diz, que caminhando
Elias

Elias pelo deserto, se assentou à sombra de hũa arvore chamada Zimbro; a versão Hebraica, & Caldaica diz, que foi Giesta, a cuja sombra o Profeta se assentou: *Sedit sub genista*. E ainda que esta planta não tenha folhas, & pareça que não he capaz de fazer sombra, com tudo em lugares desertos se vem commummente tão grandes arvores de giestas, & tão densas, & fechadas entre si, que ficão fazendo muy agradavel, & fresca sombra a quem a ellas se chega. Attribute-se à giesta o significar lembrança, ainda que as razões disso não se acham em algum Autor. Porém a ter este significado, conveniente foi por se Elias à sombra da giesta, que diz lembrança, pela q̄ elle levava dos males que a Rainha Jefabel lhe causava, & dos trabalhos com que injustamente o perseguia, os quaes erão tantos, que com a memoria delles, enfatiado da vida, pedia a Deos que o levasse para si. Pois bem era por se à vista da giesta o que sempre tinha diante dos olhos perseguições que outré lhe causava; porque injustiças que se fazem, lembrão muito a quem as padece, & andão males fixos na memoria de quem os passa.

Consideração segunda.

As lembranças (como diz Santo Augustinho) ou nascem de odio, ou de amor, porque commummente nos lembramos, ou daquillo que aborrecemos, ou do que amamos. Quando estas lembranças são de odio, dellas procedem ira, & desejos de vingança; quando são de amor, dellas nascem as saudades. Nem lembranças se tem, senão de cousas ausentes: *Eorum que absunt, meminimus*. Lembramonos do que temos ausente, & tambem nos lembramos do que nunca vimos, nem tivemos. As lembranças, como são de cousas licitas, sempre são louvaveis, & proveitosas, porque se são de merces recebidas, dellas nasce o agradecimento, & conhecimento da obrigação; pelo que fazia Deos tanto caso na Ley Velha de advertir muitas vezes ao seu povo de Israel, que se

Augusti

lembrasse das merces, que lhe tinha feito, para que com estas lembranças se mostrassem agradecidos; mas por muitas, que lhe fez, não foi bastante para elles as terem de suas misericordias, donde disse David: *Non fuerunt memores multitudinis misericordiae tuae.* Não quizerão ser lembrados da multidão de vossa misericórdia. Pois se as lembranças são de Deos, muito levão a alma ao mesmo Deos, muito levantão os sentidos a desejos do Ceo. Por triste que David estivesse, em se lembrando de Deos, diz que logo sentia deleite celestial: *Memor fui Dei, & delectatus sum.* Lembrei-me de Deos, & fiquei alegre, & contentissimo. Porque nunca perdesse esta espiritual alegria, dizia o Apostolo S. Paulo, que a sua conversação era em os Ceos, ahi trazia os pensamentos, ahi as lembranças.

Ps. 104.

Psal. 76.

Consideração terceira.

Tambem a lembrança dos peccados commettidos, & de que já estamos livres, he muy proveitosa, & assim diz S. Chrysoftomo, que nascem dellas grandissimos bens; & que dahi vimos a conhecer melhor a tranquillidade, que de presente possuímos. Lembranças da morte são tambem muito necessarias, & em diversas partes da divina Escrittura nos avisa o Espirito Santo, que as tenhamos: *Memorare novissima tua, & in aeternum non peccabis.* Lembraivos do que ultimamente haveis de passar, & já mais peccareis. Porque quem se lembra que ha de morrer, & que repentinamente póde morrer, não pecca; quem se lembra que ha inferno, & tormentos, que nunca hão de ter fim, não commette peccados; quem se lembra da estreita conta, que a Deos ha de dar de sua vida, não o offende; quem se lembra do dia do Juizo, ha medo de commetter novas culpas. E aqui se vê quão proveitosas sejam as lembranças da morte: *Memor esto quonia mors non tardat.* Lembraivos que a morte não tarda, se diz em o

Chrysf.

Eccl. 7.

Eccl. 14.

Ecclesiastico, porque à vista de lembranças da morte, cessão odios, payxões, desejos illicitos, pretensões vãs, & tudo o que não he de Deos. Com lembranças da morte podemos atalhar pensamentos innocivos. Tambem dos mortos devemos ter lembranças, para os ajudar com suffragios nossos, & para os encômendar a Deos nosso Senhor: porque estas lembranças diz o glorioso S. Chrylostomo, que são muy louvadas, & santamente ordenadas em a Igreja; & hũa das causas, q̄ as almas sentem muito no fogo do Purgatorio, he verẽ a pouca lembrança, que os parentes, & amigos tem de as soccorrer com orações, & suffragios divinos. As lembranças que os Santos nos dão, & deixãrão escrittas he, que nos lembremos dos pobres, & de gente afflicta, & miseravel. Lembremonos de soccorrer ao necessitado, de consolar os tristes, acodir ao enfermo, & encarcerado, q̄ assim dizia S. Paulo aos de Galacia, q̄ não reparou em trabalho algum que lhe succedesse, com tâto que se lembrasse de acodir aos pobres: *Tantum ut pauperũ memores essemus*. Em alguns lugares da divina Escrittura se diz, que Deos tem lembrança de algũas cousas, que he o mesmo que fazer essas mesmas cousas; porque o lembrarse Deos, he obrar; a lembrança que tem, he a obra que executa: *Memnisse Dei est ipsius facere*, diz o grande Augustinho. Os homens se tem lembrança de necessidades alheyas, compadecemse pouco dellas; & se as vem com os olhos, dissimulão; & se lhas representão, dilatão o soccorro. Sõ Deos se lembra de nõs para nos remediar, porque em se lembrando, logo remedeia; & como só se lembra de misericordias, em vendo misérias, acode, & remedeia logo. Os que nos presamos de filhos de Deos, & imitadores de Jesus, tenhamos lembranças do que fica dito; lembrança das merces recebidas de Deos para lhas agradecermos; lembrança de Deos para amarmos a esse mesmo Deos; lembrança da morte para a esperarmos; lembrança do Juizo para o temermos, & lembrança dos pobres para os soccorrermos: que à sombra destas lembranças

Chryst.

Galat. 2.

August.

ças dorme o justo, como Elias à sombra da giesta, que tem a significação das mesmas lembranças: *Sedit subter genistã, & obdormiuit.*

Zimbro.

Peccado.

Consideração primeira.

3. Reg.
19.
Iob 30.

Mat. 27.
Marc.

15.
Ioan. 19.
Isai. 55.

3. Reg.
19.

Rom. 8.
August.

2. Cor. 5.

Esta arvore he a que em Latim se chama *Juniperus*, & em Hespanhol Enebro. Refere-se algũas vezes na sagrada Escrittura, aonde os Doutores sagrados considerando como toda ella he aspera, & que em lugar de folhas não tem senão espinhos, quizerão que nella se entendesse a maldade, ou o peccado, que fere, & magoa a alma. E por isso dizem elles, que puserão os Judeos em a Cabeça do Salvador coroa de espinhos, (que devião ser de semelhante planta espinhosa) porque o Profeta Isaias diz, que elle tomou sobre si nossos peccados: *Ipse peccata multorum tulit.* Tomou sobre si nossos peccados, porque fossemos livres de peccados; tomou sobre si espinhos, porque nós ficassemos sem elles. Por isso no deserto se lançou Elias a dormir à sombra do Zimbro: *Subter unam Juniperum*, figura de Christo nosso bem, que no deserto desta vida, aonde não achou senão trabalhos, & rigores, pareceo peccador posto à sombra do peccado, porque elle foi mandado a este mundo: *In similitudinem carnis peccati.* Em semelhança de carne do peccado: *Vera caro* (diz Augustinho) *mortalis caro, sed non peccati caro.* Verdadeira carne, mortal carne a de Christo, mas não carne de peccado. Foi semelhança de carne de peccado, para que do peccado condenasse o peccado em a carne; foi mādado em carne, mas não em carne de peccado, mas semelhança d'elle. Que he o mesmo que diz aos de Corinthe: *Eum qui non noverat peccatum, pro nobis peccatum fecit.* Aquelle que não conhecera pec-

peccado, nem o podia commetter, porque repugna isso à sua divina natureza, fez Deos que por amor de nós tosse peccado, convêm a saber, sacrificio pelo peccado; porque o sacrificio que pelo peccado se offerecia, chamava-se peccado: *Peccatum dicebatur sacrificium pro peccato*, diz Santo Augustinho. Pois à sombra do peccado adormeceo, como Elias à sombra do Junipero, aquelle Senhor que não tendo peccado, pareceo peccador, sendo castigado como peccador, o que não era, nem podia ser. Mas se por esta arvore se significa o peccado, como se entende aquelle verso de David: *Respexit in orationem humilium*, aonde outra letra tem: *Respexit in orationem Juniperi*. Attentou Deos para a oração do Junipero, que he a planta de que tratamos. Mas tira-le a difficultade com se dizer, que attenta Deos para a oração do peccador significada no Zimbros, a qual então se chama humilde quando se converte a Deos, & humildemente pede perdaõ de seus peccados. A oração do peccador convertido ouve Deos, como ouvio a do Publicano, que conhecendo sua culpa com muita humildade batendo nos peitos, dizia: *Deus propitius esto mihi peccatori*. E quando este por sua humilde confissão foi para casa justificado, bem se lhe podia dizer, que ouvira Deos a oração do Junipero: *Respexit in orationem Juniperi*.

Olhou Deos a oração do Junipero, quando convertendo-se David a Deos, depois de o ter offendido disse: *Peccavi Domine*. Ao que logo se lhe respondeo, que o Senhor tambem, vendo sua confissão, lhe perdoava seu peccado: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum à te*. Olhai, diz Chrysostomo, a ligeireza com que Deos olha para a oração do Junipero, em David abrindo a bocca para pedir perdaõ, já Deos dizia que lhe perdoava: *Velox confessio velocior medicina*. Apressada confissão, mais apressada mészinha. He verdade que o cego disse a Christo, que sabia muito bem que Deos não ouvia peccadores: *Scio enim quia peccatores Deus non*

Origen.
August.
Beda.

Luc. 18.
2. Reg.
12.

Ioan. 2.

Ezec. 33

exaudit. Mas como diz Origenes, Santo Augustinho; & Beda, falou este cego como homem ainda não bem instruido nos Artigos da Fé; porque nisto que disse, pronunciou hũa sentença, que géralmente não he recebida por verdadeira; porque Deos ouve a peccadores, & nenhũa cousa trazemos mais em prattica, que ouvir Deos a peccadores, como ao Publicano, como a David, & a Jonas nas entranhas da balea; & se não ouve a alguns peccadores, he porque os taes não chamão por elle, porque se chamassem, em a mesma hora serião ouvidos; & quando se vão a elle por humilde Confissão de seus peccados, logo Deos olha para a oração do Junipero.

Consideração segunda.

Gen. 4.

Ioan. I.

COm ração se entende por esta arvore o peccado, porque como he cheia de espinhos, que ferem, & magoão, effeitos são estes, que o peccado tem de ferir, lastimar, & agonizar. Assim o significou Deos, quando matando Cain a seu irmão Abel, lhe disse: *Si bene egeris, recipies, sin autem male, statim peccatum tuum in foribus aderit.* Cain, se vós obrardes bem, tereis bom galardão; & se mal, logo o peccado se vos porà à porta, para de continuo estar batendo no aposento da alma, dando nella terribes pancadas, & atormentando-a com remordimentos, & ansias do coração; effeitos do peccado, com que lastima, & fere. E se ha peccadores, que não sentem estas pancadas, que o peccado està dando às portas da alma, nem a dor que seus espinhos causão, he o mais certo final, que pódem ter de sua condenação; porque o não sentir estas cousas, não he porque o peccado deixe de morder, & aguilhoar a alma; mas porque essa alma està adormecida em o profundo sono da obstinação, como Jonas o estava, quando naquella tempestade, que a nao se hia ao fundo, & os gritos, & clamores da gente sobião ao Ceo, elle a esse tempo estava mais entregue ao sono: *Dormiebat sopore gravi.*

Antes

Antes aquillo q̄ o havia de despertar, isso o adormecia mais. Os ventos o arrulavão, os trovões lhe davão musica, as ondas o embalavão, os gritos, & clamores lhe accrescentavão o sono. Figura do peccador, que não sente remordimentos do peccado, nem ouve os gritos dos Prégadores, nem dà pelas moções do Ceo, nem pelos castigos, & tempestades, que na vida padece, antes aquillo que o houvera de fazer despertar, o adormece, & endurece mais. Propriedade de gente obstinada, que caminha direito para o inferno.

O peccado causa dor como o espinho quando fere, & a mesma morte muitas vezes, se ha descuido no curar da ferida. Que são duas cousas, que andão annexas ao peccado, Morte, & Dor, como aos espinhos. A Adão disse Deos, que em qual-
 Gen. 2.
 quer hora que comeffe do fructo da arvore vedada, morreria; eis a morte junta ao peccado, & a dor junta a elle, quando Deos disse a Eva, que pariria com dor: *In dolore paries.*
 Gen. 3.
 Mas nós nem temamos a dor, nem a morte, mas temamos o peccado de que procede a morte, & a dor. O peccado he ferida da morte, que magoa, & fere a alma, & para remedio desta ferida não ha coufa como a penitencia. E assim se o peccado traz consigo infamia, a penitencia traz consigo confiança. Na ferida ha podridão, & na mélinha remedio contra a podridão. No peccado ha afronta, no peccado dor, pena, & morte. Na penitencia ha saude, na penitencia confiança, liberdade, honra, sossego, & gloria.

Consideração terceira.

DEve se considerar, que o peccado trata peyor a alma, q̄ espinhos o corpo. Assim chama Chrysofomo ao peccado besta fera, que despedaça a alma: *Peccatum fera immanis.* Nenhũa coufa ha que lastime, & faça mal à alma, senão o peccado. A fome não lhe faz mal, nem a sede, nem o frio, nem a calma, nem todos os males da vida, só o peccado he o q̄ lhe

faz dano. Posto elle de parte, fica a alma quieta, & segura; & em quanto se não põem, tudo na alma são inquietações, & tempestades. O peccado he peyor que besta fera, porque esta ainda que não tem natural brandura, com tudo não engana na apparencia, antes he enganada, & tomada em laços; mas o peccado que se fconde no coração, sabe fingir apparencias de paz, sendo tyrão severo, que tomando posse delle, o atormenta, & despedaça. Por esta razão diz Santo Augustinho, q̄ o peccador para consigo mesmo he peyor que hũa besta fera: *Peccator sibi ipsi peior est bestia*, porque a besta fera pôde chegar a despedaçar corpos humanos com fereza, mas o peccador a seu proprio coração despedaça, a si mesmo está comendo, & tyrânizando, não ficando nelle cousa sã. Diz S. Chrylostomo, que mais affligem peccados a alma, que doencas o corpo: *Peccata magis animam affligunt, quam aegritudines corpus*. Porque mayores são as ansias, & tormentos, que a alma padece pela tyrânia do peccado, do que as dores que o corpo sofre pela malignidade da doença. Pois assim como os espinhos melhor se tiraõ quando logo se prégaõ na carne, que depois que essa carne apodrece com elles, assim os peccados no principio se arrancaõ com mais facilidade, que quando são envelhecidos. E assim como rara he a ferida que se não cure, applicado-se boa mézinha, assim não ha peccado, que não tenha remedio, querendosse buscar.

Os peccados ferem como espinhos, porque quando leuaõ ao deleite, lastimaõ, & magoaõ a alma, donde pela voz do justo penitente se diz: *Conversus sum in erumna mea, dum configitur spina*. Convertime em minha miseria em quanto se me préga o espinho; porque como diz S. Gregorio, entaõ se converte hũa alma em pranto, & amargura, que a culpa commettida se tem fixa na memoria. E estes são os espinhos, que como diz S. Jeronymo, afogaõ a semente do pay de familias; porque peccados não deixaõ crescer os bons intentos, & disposições com que a alma vai fruttificando a Deos.

August.

Chryst.

Psal. 31.

Gregor.

Hieron.

Luc. 8.

Mat. 7.

Marc. 4.

O Zimbro significa peccado, porque em lugar de folhas, não dá senão espinhos, & o seu fructo também he espinhos. Tal he o peccador, que tudo aquillo com que se cobre, são peccados, o seu fructo peccados, & as suas obras cheas de peccados. Estes em lugar de corresponder a Deos com bom fructo, não respondem senão com espinhos, que são seus vicios, & peccados. Por isso diz Euquerio, que o esperar Deos, que a vinha desse uvas, & responder ella com espinhos, são os vicios, & maldades com que peccadores respondem a Deos, quando delles espera bons fructos. O Apostolo S. Paulo diz, que a terra que sendo regada com chuva do Ceo, não lhe faltando beneficio algum para deixar de dar bom fructo, responde com espinhos, & abrolhos, he terra reprovada: *Proferēs spinas, ac tribulos reproba est.* A alma a que não faltando auxilios divinos, favores do Ceo, inspirações de Deos, responde com espinhos, he terra reprovada. Veja cada hum que terra he, & com que fructos responde ao Ceo. Assim como os espinhos huns com os outros se embaraçam, & prendem, assim os peccados huns com outros se misturam, & enlaçam; & também os peccadores entre si se amassam, & unem bem: *Sicut spinae se invicem complectuntur,* são como espinhos, & tójos, que se prendem huns com outros, & para offender a Deos se conformam em hũa vontade. O Zimbro he arvore que se não veste de folhas, está nua dellas. O peccado deixa nua a alma de virtudes. Quereis ver como está nua, diz Chrystostomo? Qual he o vestido da alma? A virtude. Quem a despe, & deixa nua? O peccado. Pois se assim despillem a hũa pessoa nobre, he certo que se envergonharia, & fugiria por se ver nua. Assim se deve envergonhar a alma, que he nobilissima, vendo-se sem os seus vestidos, nua de graça, & de virtudes.

*Eucher.
Isai. 5.*

Hebr. 6.

Nab. 2.

Chryf.

Raiz de Zimbros.

Avareza.

Consideração primeira.

F Alando Job dos costumes, & condições dos hypocri-
 tas, diz, que o seu comer, & sustentação, he de raizes de
 Zimbros: *Radix juniperi erat cibus eorum*. Palavras mys-
 teriosas, aonde pela raiz do Zimbros S. Gregorio quer que se
 entenda o vicio da avareza, particular alimento dos hypocri-
 tes. E que outra cousa (diz este Santo) se póde entender pela
 raiz do Zimbros, senão a avareza, da qual procedem os espi-
 nhos de todos os peccados, dizendo della S. Paulo: *Radix*
omnium malorum est cupiditas. A raiz de todos os males he
 a cobiça, irmã da mesma avareza. Esta he a raiz que occulta-
 mente se cria na terra do coração, em quanto evidentemente
 põem por obra suas pretensões, descobrindo o throno de seus
 vicios, & os espinhos de peccados. Desta raiz procede a ma-
 teria de toda a maldade, quando com todo o pensamento co-
 bição os malignos algum bem da terra, & quasi se sustentão
 deste alimento, do qual sem duvida costumão nascer as cha-
 gas, & feridas do peccado. Pois com muita ração pela raiz
 do Zimbros he significada a avareza da qual procedem todos
 os peccados, como da raiz o tronco, & toda a mais arvore.
 Chama Santo Augustinho à avareza, fonte de todos os ma-
 les, & S. Chrystomo arte de todos os vicios, & causa de
 toda a injustiça, a qual de homens faz cães, & de cães os faz
 demonios; porque a todos os q̄ peccaõ de avareza faz crueis,
 & tyrannos contra si, & contra o proximo. E se o avarento a
 si mesmo tyranniza, não se lhe dando de si, que fará ao proxi-
 mo? *Tetra, & tyrannica hac passio est*. Esta payxaõ he ma-
 lissima, & tyrannica. Além de que o avarento em vida faz
 carcere donde nunca sahe, & masmorra aonde vive em tre-

vas.

Eucher.
Iob 30.
Gregor.

2. Tim. 6

August.
Chryf.

Chryf.

vas. Que assim como a raiz da arvore se esconde na terra, aonde não vê luz, assim o avarento he cego, & anda sem luz:

Avarus omnis cecus est. Todo o avarento he cego, pois em vida se sepulta, como se fora morto. Merca cattiveiro de *Chryf.*

que nunca se livra, (diz Seneca) que não se pôde desejar maior mal ao avarento, senão vida prolongada; porque nella tem prolongado tormento: *Avaro quid mali optes, nisi ut* *Seneca.*

vivat diu? Que mal podeis desejar ao avarento, senão que viva muito tempo, para que por muito tempo esteja cattivo nos ferros de sua avareza, & viva em escuro carcere de sua *Seneca.*

cobiça, sepultura de sua liberdade, inferno de sua confusão:

Avarus ipse miseriae causa suae est, diz o mesmo Filosofo.

He o avarento causa de sua mesma miseria, se padece males, elle os quer; se deixa de comer, he porque quer; se vive em

perpetua agonia, elle a procura; se lhe falta tudo para si, he porque quer tudo para si. Tudo lhe falta, não faltando tudo

aos outros vicios, porque se aos outros faltaõ muitas cousas, à avareza faltão todas: *Desunt luxuria multa, avaritia* *Seneca.*

omnia, diz o mesmo Seneca. A luxuria faltaõ muitas cousas, mas à avareza faltão todas. Porque o vicio da luxuria se carece de muitas que pretende, com tudo algũas tem, com que

se embarça; mas a avareza de nenhũa cousa goza, tudo lhe falta, porque ainda que tenha tudo, assim tem tudo como se

tivera nada; pois de nada se aproveita, & tanto lhe falta o que tem, como o que não tem, tendo as cousas como se as

não tivera.

Consideração segunda.

Considéra S. Gregorio a avareza significada na raiz do Zimbro, como raiz que he de todo o peccado. Os ramos que desta raiz procedem, são perdição, o engano, o re-folho, perjurios, violencias, inquietação da alma, & todas as durezas do coração contra a misericordia. Pois porque estes ramos

Gregor.

ramos não appareçam, corte-se a raiz; mas então crescẽ muito estes ramos, quando os avarentos levantados por soberba, desprezão aos proximos, & não se compadecem dos pobres. Então crescem estes ramos, quando os avarentos mataõ cada dia a tantos, quantos são os que opprimem com suas extorções, & aquelles a que negão o devido soccorro de misericordia. Então crescẽ, quando a mesma avareza se sobe em alto, como a pinta S. Bernardo, em cima de hũ carro de quatro rodas,

Bernar.

q̃ são quatro vicios, Pusillanimidade, Deshumanidade, Desprezo de Deos, & Esquecimẽto da morte; sobre estes vicios se afiõta o carro da avareza, pelo qual puxão duas bestas feras, q̃ são Escaceza, & Ladroice. O cocheiro q̃ governa estes animaes, chama-se o Desejo de adquirir. E diz S. Bernardo, que se não serve a Avareza de mais criados, porque faz por ter os menos que póde; & aquelle que tem, occupa-o tanto, que de continuo anda em roda viva de trabalho, com a cobiça de adquirir, & medo de perder o que tem adquirido: *Libidine acquirendi, & metu amittendi.* Este carro se vai movendo entre o Ceo, & a terra, porque como diz S. Gregorio, os avarentos não parecem que são da terra, nem do Ceo; não são da terra, porque como se não fossem terrenos, não se compadecem dos homens, nem se lembraõ que são homens. Não são do Ceo, porque nem trazem nelle os pensamentos, nem os podem levantar ao alto; de sorte que estão entre o Ceo, & a terra, não tocando em hum, ou outro elemento, porque nem entre os homens tem entranhas de homens, nem entre os Anjos virtudes Angelicas. Ficão logo sendo demonios, que tem seu inferno entre Ceo, & terra. E com razão compãra Santo Augustinho a Avareza ao inferno, porque assim atormenta aos q̃ estão em seu poder, como inferno aos danados. Declara o Santo os tormentos, & penas que estes padecem, por taes termos, que não parece haver mayor mal, nem mais terribel inquietação, daquella em que o avarento miseravelmente vive.

Gregor.

Não faltão neste inferno bichos que roão o coração do avarento;

rento, acerca dos quaes diz Ifaias: *Vermes eorum non moriē-*
tur. Não morrerão os bichos q̄ roem aos avarentos, os quaes *Isai. 66.*
 lhes nascem da sobegidão de bens, como aos Israelitas nas-
 cêrão bichos no manà que guardarão: *Servaverunt de ma-*
na, & ebullierunt ex eo vermes, & computruit. Guardarão *Ex. 16.*
 mais do que havião mister para o outro dia, & logo o achã-
 rão podre com bichos; sendo assim, que quando o guarda-
 vão para os dias de festa, não lhes apodrecia. Os que querem
 ajuntar mais do que se lhes permite, & Deos quer, logo nes-
 tes bens que ajuntão, lhes nascem bichos, que são cuidados q̄
 os roem, inquietações que os affligem, receyos que os cer-
 ção, & anfiãs que os confundem.

Consideração segunda.

A Avareza tem a arca chea, & a consciencia vazia; he ido-
 lo a que muitos servem, & adorão, contra a qual orde-
 na Deos muitas cousas, & ella muitas contra Deos. He porta
 por onde se entra em casa da morte. He madrastra, & grande
 inimiga da justiça, como diz Santo Augustinho: *Noverca,*
& inimica summa justitiae. Todos os vicios chegão a enve-
 lhecer no homem, mas só a avareza sempre no homem rever-
 dece, sempre nelle tem idade juvenil. O luxurioso na velhice
 deixa de o ser. O jogador por tempo se vem a tirar disso. O la-
 drão chega a idade, que não póde usar do officio. Só o avare-
 to nunca deixa de o ser, antes cada vez o he mais. Dizia Ca-
 tãõ Mayor, que nenhũa cousa era mais para vituperar, que a *Plutar.*
 avareza em os velhos. E que mayor absurdo póde haver, que
 quanto menos caminho fica por andar a alguns, tanto buscão
 mayor provimento para elle? Ao que resta pouca vida, de
 que serve buscar tanto para remedio della? Se a avareza em
 os velhos he vicio tão grande, bem se diz, que nenhũa cou-
 sa faz o avarento de bem, senão quando morre: *Avarus nisi Pub. Mi.*
cum moritur, nihil rectè facit. Se na vida nada faz que
 seja

Plutar. feja bem feita em morrer lhe succede bem, pois com a morte deixa de obrar de continuo mal. Plutarco diz, que a cobiça das riquezas he hũa senhora muito soberba, & arrogante, que obriga a que lhe obedeçais, & prohibe que tenhais gostos; faz-vos appetite, & tira-vos o gosto delle. Assim ajūtão os avarentos riquezas, como generófos, & usaõ dellas como baixos, & infames; sofrem trabalhos, carecendo do fructo delles, q̄ faõ contentamentos. Que cousa mais baixa, & vil, que a avareza; nenhũa ha taõ santa, que este vicio naõ tenha contaminado? nenhũa taõ inexpugnavel, que a avareza naõ puzesse por terra; nenhũa taõ fortalecida, que ella naõ rendesse. O avarento sempre tem escusas que dar, sempre desculpas, & razões para negar o que lhe pedem. Pelo que dizia Socrates muito bem, que nem do morto se póde esperar conversação, nem do avarento merces: *Nec à mortuo petendum colloquium, nec ab avaro beneficium.* Porque naturalmente hũ, & outro estã impossibilitado para corresponder ao que quereis delles. Bion Sophista dizia, que a avareza era cidade metropoli de todas as maldades. Boristhenes dizia, que os ricos avarentos tinhaõ cuidado de suas riquezas, como proprias, & nenhum proveito tiravaõ dellas, como se fossen alheyas. Este vendo a hum rico miseravel, disse: Este coitado naõ possuiue suas riquezas, ellas saõ as que possuem a elle: *Hic facultates suas non possidet, sed ipsum possident facultates.* Demonax dizia, que havia homens que naõ viviaõ nesta vida, mas que se andavaõ aparelhando para viver em outra, como se com as riquezas que ajuntaõ, houvessem de viver, & principiar outra vida, & naõ passar a presente; notando nisto a infaciavel avareza de muitos, aos quaes nenhũa cousa basta, como se por morte houvessem de gozar as riquezas que adquirirem, & com ellas principiar vida nova.

August. O desventurado homem, (diz Santo Augustinho) considera o que fazes, & o que cuidas, em quanto já mais deixas de ajuntar, & adquirir; naõ sabes que ha tres cousas que nunca

ca se fartaõ, & a quarta, que nunca diz basta? Não sabes que a raiz de todos os males he a avareza, servidaõ da idolatria, mãy da usura, parenta da simonia, occasiaõ da culpa, estrada do inferno. Oh avareza, abismo insaciavel, que sempre tens fome, sempre sentes dor, tristesa, & agonia! Oh peste que não tem fim! Oh fome que se não mata! Todas as cousas tem seu limite, & fim: *Sola avaritia nullo clauditur fine.* Só a avareza não conhece modo, nem fim. A terra he limitada, a agoa tem seu termo; o ar certo espaço aonde anima as cousas, o Ceo com ser tão grande, tem seu limite. Só o não sabe ter a avareza: *Sola avaritia terminum nescit.* Só a avareza não tem limite, nem termo. Porque se dado caso chegar a possuir a terra, o mar, & o ar, apoz isso ha de cobiçar o mesmo Ceo, & se possuir o Ceo, ha de pretender igualarse a Deos, ou ficar superior ao Altissimo. Oh peste peyor que o demonio! Porque o demonio quiz ser semelhante ao Altissimo, mas o avarento se pudesse havia de pretender ficar acima de Deos. Per isso aos avarentos se guardão terribes penas no inferno; por isso elles são os que ouvirão aquella rigorosa sentença: *Ite maledicti in ignem eternum.*

Mat. 25.

Pereira..

Ira, Indignação.

Consideração primeira.

NAõ ficou a Pereira sem della se fazer menção em dous 2. Reg. 5.
lugares da divina Escrittura, que ambos relatão a 1. Par.
mesma historia, como quando David sendo Rey de Israel, 13.
acometeo segunda vez os Filisteos, com aviso de Deos,
que lhes não dêsse a batalha como de antes, mas que ro-
deando com seu exercito os tomasse pelas costas, & aco-
metesse contra a parte aonde ficava hum campo plano,
que se chamava o Valle das Pereiras, & por outro nome,
Valle

Valle dos Gigantes, fertil, & abundante de arvores de frutto, particularmête de pereiras. Fica este valle no caminho de Jerusalé entre Sul, & Ponête, quando vão para Belém. Este nome Pyrus, q̄ significa a Pereira, he vocabulo Grego, & deriva-se de Pyr, q̄ quer dizer fogo, & chama-se em Grego a pera fogo; porq̄ este frutto he de fórma pyramidal como o fogo, & tem muita semelhança cõ elle, & daqui vê o ser symbolo da ira, & indignação, porque a ira não he outra cousa, senão hũ fogo, que se gera na potencia irascivel, & inflamma toda a alma. E nas divinas letras o mesmo he ira, que fogo, antes raramente se fala em ira, que se não fale em fogo, como o dizer David a

Psal. 88.

Deos: *Exardescet sicut ignis ira tua.* Arderà Senhor como fogo a vossa ira. E o mesmo Senhor diz por Moyfes: *Ignis succensus est in furore meo.* Acendeo se o fogo em o meu furor.

Deut.

32.

E porque Deos era o que queria destruir, & acabar os Filisteos, inimigos do seu povo, contra os quaes estava indignado, disse a David, que os não acometesse com seu exercito, senão quando ouvisse hum sonido de espirito, que andava por cima das pereiras, aonde os contrarios estavão:

2. Reg. 5.

Cum audieris sonitum gradientis in cacumine pyrorum. Então os acometeràs, quando ouvires hum estrondo no mais alto das pereiras, que será final da ira, & indignação com que dou sobre elles, porque não seràs tu o que os venças, mas eu o que os destruo.

Hieron.

A pereira significa fogo, & Deos indignado por cima de arvores significadoras de fogo, bem se mostra, que essa mesma arvore, ou as suas peras, ficão sendo figura da ira, & de tudo o que diz furor, & indignação. Aonde S. Jeronymo diz, que andar o espirito de Deos por cima destas arvores, era manifestar a ira, com que descia sobre as cabeças daquelles barbaros: *In quorum capitibus furor Domini jam seviebat, quando ad eos ventum est.* Já sobre as cabeças dos inimigos se indignava Deos, quando a elles chegou David com sua gente: *Ex adverso pyrorum.* Se Deos mostrou ira, & furor

contra

contra seus inimigos; temão peccadores sua indignação, pois em sendo peccadores, ficão sendo inimigos seus; & em sendo amigos deste mundo, se fazem inimigos de Deos. Temão peccadores a ira de Deos, & suas ameaças; que se a indignação do Rey he mensageira da morte: *Indignatio Regis nuntius mortis*, que serà a ira de Deos, cujos executores são, morte, inferno, & furias infernaes. E com tudo he de advertir, que húa das grandes misericordias, que nesta vida pôde Deos usar com peccadores, he ameaçallos; porque não ha cousa que mais refree o coração humano, que húa ameaça de Deos; & tem estas hum bem, como diz Theodoretto, q̄ communmente não se dirigem a dar morte, mas vida, & salvação; porque assombrado o peccador se arrepende, & arrependido muda Deos suas ameaças em clemencia, que quanto para executar, parece que não tem condição: *Quis dabit me spinã, & veprem*, diz Deos por Isaias: Quem me farà hum espinho, hum tojo do mato? Quem mudará esta minha clemencia em severidade, para castigar peccadores como merecem? Mas he assim, que quando estou mais indignado contra elles, sou como hum pay de familias, que depois de reprehender os filhos, & de se agastar muito contra elles, dizendo que ha de fazer, & acontecer, por fim quando quer executar o castigo, lembra-se que he pay. E Deos do proprio modo, muitas vezes que ameaça, & vai para castigar, lembra-se que he Deos, & suspende o castigo: *Conversum est cor meum pariter, quoniam Deus ego sum, & non homo*. Determinava (diz Deos por Isaias) castigar aos Tribus de Israel por culpas commettidas, quando fuy para o fazer mudouseme a vontade, & o coração, porque por fim olho que sou Deos, & não homem. Se todas as vezes que Deos desembainha a espada, mandando a morte, ou ao demonio que nos assombre, houvesse de levar avante o castigo, & passasse a cousa de ameaça, que fora de nós? Mas elle lembra-se que he Deos, & converte iras em misericordias.

Iacob 4.

Prov. 19

Theodor.

Isai 27.

Osee 11.

Consideração segunda.

- Basil.** A Ira he hum affecto da natureza humana, que como diz S. Basilio, se póde moderar, & refrear com a consideração, & bom juizo. E se pelo contrario a deixaõ tomar imperio da alma, converte o homem em besta fera, & não o deixa ser senhor de si, & da razão. S. Bernardo diz, que a ira he aquelle aspid, & basilisco, & aquelle terribel dragaõ, que hũa pessoa ha de pisar aos pés, andando seguramente sobre elles: *Haud alium ego draconem hunc, quàm spiritum iracundiae reor.* E quantos houve, que por serem precipitados, & pouco acutelados, miseravelmente cahirão na bocca deste dragaõ? Pois saibamos sopear esta besta féra, porque não nos destrua. Tenhamos ira, não contra o proximo, mas contra nós mesmos, quando procedemos mal, & offendemos a nõsso Deos. S. Jeronymo diz, que do homem he agastarse, mas do prudente não se deixar senhorear da ira: *Turbatus sum, & non sum locutus*, diz David. Muitas vezes me cheguei a perturbar cõ indignação, mas nunca rompi em palavras, porque me sabia refrear. O coração do homem he inclinado ao mal, mas no homem està resistir a sua perversa inclinação. A ira (diz S. Augustinho) que he facil de refrear a quem cuidar nas culpas q̄ tem offendido a Deos, & incorrido em sua indignação. Refrea a ira quem cuida que tem a Deos presente, & quem medita na Morte, & Payxaõ de Christo; sabe ser sofrido o que se lembra ter muitos defeitos, que os outros lhe haõ de sofrer. E he de saber, diz este Santo, que ha hũa ira que nasce da impaciencia do homem, & outra que procede do zelo da justiça. Esta he boa, & louvavel, & aquella digna de pena, & castigo, porque nasce de vicio, & a boa da virtude. Esta teve
- Num. 25.** Phinees para acodir pela honra de Deos, & se Heli a tivera
- 1. Reg. 2.** para com ella castigar aos filhos, não incitara contra si a ira
- Psal. 4.** de Deos. E esta he a ira de que diz o Psalmista: *Ira scimini,*

Et nolite peccare. Se fomos obrigados a amar aos proximos como a nós mesmos, assim temos obrigação de nos agastar contra os delittos do proximo, como dos nossos. E de tal ira como esta, quando he para reprehender, diz Salamaõ:

Melior est ira risu, quia per tristitiam vultus corripitur animus delinquentis. Melhor he a ira que o riso, porque pe-

los sinaes do rosto agastado se emenda o que pecca, & se o vèrir não tem emenda; porque differente cousa he festejar ao delinquente, ou reprehender, & castigar sua maldade.

Moyfes na sagrada Escrittura tem nome de Mansissimo, & com tudo occasiões houve, em que cheyo de hũa santa ira tomou a espada na mão, dizendo aos Levitas, que fizessem o

mesmo, para darem a morte a gente innumeravel, que a merecia por sua desobediencia. Clementissimo era Samuel, & occasiãõ houve em que por sua mão matou em publica praça a hum Rey, que Saul não quiz matar, indo contra o mandado de Deos, & Samuel tornando pela honra desse mesmo Deos. Mas como a ira não for por estes respeitos, que são tornar pela justiça, ou emenda do peccador, sempre he vituperada. Assim lhe chama S. Basilio mal, principio de

muitos males, perigosa doença da alma, trevas do entendimento, apartamento de Deos, esquecimento de si mesmo, origem de guerras, causa de dissensões, & enfim espirito diabolico, que possuiue as almas dos que não sabem refrear impetos de colera. Não ha cousa mais forte, que a mansidãõ, diz S. Joaõ Chrystostomo: *Nibil mansuetudine violentius.* A fogueira quando està mais acesa, nenhũa cousa a apaga mais depressa que a agoa. A mayor furia se abranda com duas palavras pacificas, do que se seguem dous bês, convem a saber, mostrar o homem sua paciencia, & mansidãõ, & o outro ficar quieto, & sossegado. A ira he serpente terrivel, saibamola encantar com palavras, & sejaõ estas tiradas da sagrada Escrittura, que para suspendermos a esta fera nos ensina tantos versos de encantamento, lembrãdo ao homem, que he

terra,

T ij

terra,

terra,

terra,

Gen. 10
Ecc. 10
Job 14

Eccl. 7.

Ex. 32.

1. Reg. 15.

Basil.

Chryst.

Augu.

Gen. 3.

Eccl. 10.

Job 14.

Matt. 5.

Ephes. 4.

terra, pó, & cinza, & que não tem de que se ensoberbecer, nê presumir; & he cheyo de muitas miserias, & todo cercado de fraqueza. A divina Escriptura diz, que a ira lança a perder os mais sabios, & q̄ donde ha furor, foge o Espírito Santo, & q̄ o homem agastado he maldito, & que não pôde haver coufa fá, aonde entra o mal da ira. E o mesmo Salvador do mundo diz, que se alguém sem causa se agastar, ficará sendo reo em juizo. E por S. Paulo nos acôselha: *Ita & omnis indignatio à vobis abscedat.* Sejão todas estas lembranças, & exhortações, palavras de encantamento, para encantar esta besta fera da Ira, & passarmos pacificamente o caminho desta vida, que leva às portas do Ceo os que por paciencia, & penitencia caminhão a elle.

Zambugeiro.

Humildade.

Consideração primeira.

Rom. 15.

August.

DEsta arvore fala sómente o Apostolo S. Paulo, escrevêdo aos Romanos, cõparando a ella o povo Gêtilico, q̄ (por merce do celestial Plátador, & Creador de todas as coufas) sendo pláta inutil, & sem proveito, foi enxertada em boa, & proveitosa oliveira, dos ramos q̄ quebrarão daquella soberba arvore, q̄ foi a nação Judaica: *Tu autē ex naturali excisus es oleastro, & contra naturam insertus es in bonā olivam.* Foste povo Gentilico cortado do natural Zambugeiro, & contra tua natureza enxertado em boa oliveira. Por ti nenhũa coufa merecias, & por misericordia minha tens os bens, honra, & gloria que possues. Tua inclinação era infernal, & diabolica, mas eu olhei para ti, & compadecime de ti, mudãdote em outro povo, gente escolhida, & estimada de mim. Pelo Zambugeiro quer Santo Augustinho que se entēda a humildade; porque a Gentilidade significada nella pelo humilde

conhecimento que de si teve, veyo a ser fermosa, & rendosa oliveira, que o povo Judaico deixou de ser por sua grande soberba, & arrogancia. Quebrarão (diz elle) os ramos natu-
raes desta oliveira, que era a soberba Synagoga, & quebrarão por sua altiveza, & inchação; vem Deos, & toma estes ramos quebrados, & enxerta-os no Zambugeiro humilde, que era a humilde Gentilidade, a qual se tinha por incapaz, & indigna de tanto bem. Esta sua humildade representou aquella afflicta mulher Cananea, que prostrada diante de Christo disse com muita submissão: *Ita Domine canis sum*. Assim he Senhor, que se vos escusais de me fazerdes merces, porque como dizeis, não he bem tomar o pão da bocca aos filhos, para o lançar aos cães, eu cão sou, porque sou figura da Gentilidade; cão sou na vida, nos costumes, & ferocidade minha; mas ao cão se não negão as migalhas que cahem da mesa de seu senhor, nem vòs me haveis de negar estas; porque nunca negais misericordias a quem vos appresenta miserias. Nesta humildade contentou muito a Christo nosso bem aquelle Centurião, q̄ se achava por indigno de receber em sua casa o Salvador do mundo, offerecendo-se o Senhor para ir a ella dar faude ao seu moço. Não se atrevia (diz Santo Augustinho) receber em casa a quẽ já tinha recebido no coração: *Tantò humilior, tantò capacior, tantò plenior*. Tanto mais humilde, tanto mais capaz, tanto mais cheyo de divinas merces. Os montes, & oiteiros lanção, & despedem de si agoa, mas os valles, & campinas a recebem, & se enchem della. A graça dos Ceos, que os grandes de si lanção por suas soberbas, recebem os humildes por seu infimo conhecimento: *Radices gentium superbarum arefecit Deus, & plantavit humiles ex ipsis gentibus*, diz o Ecclesiastico: Seccou Deos as raizes das gentes soberbas, & dellas plantou os humildes. O que Rabano quer que se entenda pela soberba dos Judeos, que Deos abateo, dessepando esta maligna planta pelas raizes; & da mesma Gentilidade plantou outras arvo-

Mat. 15.

Matt. 8.

Luc. 7.

August.

Eccl. 10.

Rabano.

res, que são os humildes. Christo Senhor nosso foi o que secou as raizes daquella arvore soberba do povo Judaico, & poz o enxerto do Zambugeiro, figura da humildade; porque sempre Christo poz os olhos nos humildes para os levantar, & então fazia este enxerto em boa oliveira, quando dizia: *Non inveni tantam fidem in Israel.* Não achei tão grande fé no povo de Israel, como na Gentilidade, que esta Cananea representa, nem tal humildade, nem tão baixo conhecimento de si mesma; & por isso será bem favorecida, porque representa humildade.

Consideração segunda.

A Humildade he origem das virtudes, & mãy de todos os bens, raiz espiritual, de que procedem fructos soberanos, & augmento de graça. He virtude a que os Doutores chamão: *Maximum sacrificium*, muy grande sacrificio, sem o qual ninguem he aceito diante de Deos. Por ella se chega a Deos, que sendo inaccessible, só do humilde se deixa tocar. Por ella se levanta o coração ao Ceo, & se conserva a caridade, afugenta-se o demonio, & se adquire perpetua paz do espirito. He seguro, & verdadeiro caminho para a gloria, mézinha contra a soberba, & perfeição de todas as mais virtudes. He a humildade (como diz Santo Augustinho) assento agradavel aonde Deos descansa, porque elle diz por Isaias: *Super quem requiescam, nisi super humilem?* Sobre quem descansarei, senão sobre o humilde? Aqui acho o repouso, que não tenho em outra parte donde me lanção aggravado, & offendido de almas perversas. He a humildade aquella torre de David fortissima, & fermosissima, que sustenta sobre si a Deos. E S. Bernardo quer que seja a humildade aquelle cheiroso Nardo, que deu de si olor suavissimo de que a Esposa diz: *Nardus mea dedit odorem suavitatis.* E o Santo sobre isto diz: *Bonus humilitatis odor qui de hac valle plorationis ascendit, ipsum quoque regiũ accubitum grate*

grata suavitate respersit. Bom he o cheiro da humildade, q̄ deste valle de lagrymas sobe ao Ceo, & enche de agradavel suavidade o mesmo assento, & morada do Rey celestial. **Rupert.** perto Abbade quer q̄ seja a humildade hũ deserto delectoso por onde a Alma Sãta caminha para o Ceo, & vêdo os Anjos, como sóbe humilde pelos rigores, & difficuldades da vida, pergũtão: *Quæ est ista, quæ ascendit per desertũ?* Teve a hu- **Cant. 3.** mildade hũ soberano Mestre q̄ a ensinou ao mundo soberbo, este foi Christo, exẽplo da mesma humildade, a qual encomẽdou muito aos homẽs, & para a persuadir a seus corações, lavou elle os pés de seus Discipulos, elle por amor de nõs se fez **Ioan. 13.** humilde, & se humilhou feito obediente até a morte. Pois a- **Phil. 2.** prendamos a humildade, como diz S. Augustinho: *Disca-* **August.** *mus humilitatem, per quã Deo propinquare poterimus.* A- prendamos a humildade por cujos passos podemos chegar a Deos. Pela soberba cahio a maravilhosa creatura dos Anjos, & pela humildade de Deos se levantou ao Ceo a fragilidade da natureza humana. Salamão diz, q̄ aonde houver soberba, ahi se acha afrõta, & aonde ha humildade, ahi se acha sabedoria, porq̄ aos humildes descobre Deos o q̄ esconde aos arrogãtes: **Prov. 1.** *Ubi fuerit superbia, ibi erit Scõtumelia: ubi autẽ est humilitas, ibi, & sapientia.* Não pôde morar a graça divina em quẽ não for humilde. E cõ quãta humildade o coração humano se inclina ao mais baixo conhecimẽto, q̄ de si pôde ter, tanto mais aproveita no caminho espiritual, & aquelle q̄ sem a humildade caminha por obras boas, debalde trabalha, & sem proveito se cança: *Descende ut ascendas, humiliare ut exalteris,* **August.** *ne exaltatus humiliaris,* diz o mesmo Santo Augustinho. Abaixai-vos para sobirdes, humilhai-vos para serdes levantado, para que por ventura se fordes sublimado, o Ceo vos não humilhe com algum castigo. Feroso he quem à vista de Deos he humilde. Muito contenta a Deos quem muito se descontenta de si. Sede pequeno aos vossos olhos, para serdes grande em os de Deos; & tanto mais sereis precioso

diante delle, quanto para com vosco fordes mais despresado. Na mayor honra fede mais humilde, que o louvor da honra he a humildade.

Ensinheiro.

Tristesa.

Consideração primeira.

NA sagrada Escrittura se fala hũa só vez desta arvore, q̄ chamamos Ensinheiro, & em Latim se chama *Ilex*. O Profeta Isaias estranhando a cegueira do povo Gentilico, diz, que era tão ignorãte, que cortava o Ensinheiro, & o Carvalhó, que estava em pé entre as arvores do bosque. E parte fazia em idolos que adorava, & parte em lenha que queimava no fogo para se aquentar: *Tulit ilicem, & quercum, quæ steterat inter ligna sylvarum: sumpsit ex eis, & calefactus est: de reliquo operatus est Deum, & adoravit.* Notavel cegueira de gente, que adorava madeiros, de que juntamente se aproveitava para o fogo. E quando se punha a cortar o tronco da arvore, logo fazia suas repartições, dizendo: Deste pedaço farei hum idolo que adorarei, & deste lenha com que me aquentarei. Não ha Author que dê significação ao Ensinheiro. Só Plinio he de opinião, que esta arvore significa tristesa, por ser a primeira do numero que se chamão arvores tristes. Diz elle, que nas arvores ha prazer, & que este prazer he as suas flores, porque quando as tem, dão mostras que estão alegres, & risonhas, desafiando hũas às outras, a qual está mais rica, & graciosa. Mas nem todas tem esta alegria, porque nem todas florecem, nem todas dão fructo. Assim como ha arvores alegres, tambem ha arvores tristes, que são symbolo da mesma tristesa; a qual parece que mostraõ, porque nem apparecem com flores, nem daõ fructo algum. Destas aponta o Ensinheiro por principal em não se vestir de flores. E assim

es-

Isai. 44.

escrevem della os naturaes, que *Nulla flore exhilaratur.*
 He triste, por não dar flores. Bartholino Poeta antigo cha-
 ma a esta arvore triste:

Lethiferam faxum, tristique ex ilice fronde.

Ruffo Festo lhe chama escura: *Cum spinis ilicis atra.* Vir-
 gilio lhe chama negra.

Ruf. Fes.
 Virgil.

Ilice sub nigra pallentes ruminat herbas.

E confirma significar esta arvore tristesa, pois quando Meli-
 beo se queixava da sua pouca ventura, dizia: Que bem de
 antes lhe tinha hũa gralha prognosticado seus males desima
 de hum Ensinheiro; o agouro era de coufas tristes, que lhe
 haviaõ de succeder; por isso a ave era triste, triste a arvore
 aonde se punha a prognosticar tristesas. E como esta arvore
 tenha tal significado, não he de admirar, que della fisessem
 os Gentios idolos que adoravaõ, & não de cedro, nem de oli-
 veira, que tem boas significações, mas de Ensinheiro, que diz
 tristesas. E prognosticavaõ as que elles para sempre nos in-
 fernos haviaõ de padecer.

Consideração segunda.

A Tristesa he fructo do peccado, o qual como foi causa
 de todos os males, diz Santo Augustinho, que dos ma-
 les da vida, he a tristesa mal grandissimo, ferida que atormē-
 ta o coração, algoz que de continuo agoniza o espirito, dor
 inexplicavel que já mais se tira, bicho que sempre roe, & che-
 ga ao intimo da alma, veneno mortifero do genero humano,
 noite de trévas continuadas, tempestade que sempre cresce,
 nuvem escura que se põem sobre o coração, febre que lavra,
 & não apparece, fogo que se acende, & não se apaga, & guer-
 ra que não descança senaõ com a morte. Acompanha-se a
 tristesa de soledade, & só tem em sua casa pensamentos pesa-
 dos, & cuidados nocivos; serve-se de suspiros, & lagrymas,
 & algúas vezes da ira, & furor; porque os tristes de ordinario
 são

são freneticos, & agastados, como pelo contrario os alegres
 são mansos, & pacificos. He a tristeza hũa enferma que já
 mais está sem se doer, & sentir achaques, insofrivel de servir,
 & trabalhosa de consolar; & com tudo se seu mal tem algum
 remedio, consiste na boa consolação; porque como diz S.
 Chrystomo, como a tristeza he chaga do coração, não ha
 para elle melhor pedra bazar, nem pões de ouro moido, que
 boas palavras, praticas alegres, conversação agradavel. Nem
 para tristes se ha de buscar melhor mélinha; & quando esta,
 & outras semelhantes não bastarem, espere-se pela morte,
 porque nenhũa cousa a traz mais depressa ao genero huma-
 no, que a tristeza. Via-se El-Rey Antioco cheyo de bens, &
 riquezas do mundo, servido de muita gente, & acompanha-
 do de innúmeraveis exercitos, & dádo-lhe hũa mortal doença,
 dizia elle, que nenhũa cousa o matava senão a tristeza que ti-
 nha no coração: *Ecce pereotristitiâ magna*, dizia o misera-
 vel homem. As dores aplacão-se, a febre diminue-se, a fraque-
 za não he muita, mas só a tristeza he grande, & poderosa para
 me tirar a vida; porque como ondas do mar, levantão cruel
 tempestade em meu coração; assim foi, que morreo de pura
 tristeza. Salamão nos dà muitos conselhos, que não demos
 lugar em nossas almas à tristeza, & que a afastemos muito lon-
 ge de nós: *Tristitiam non des animæ tuæ*. E logo aponta o
 muito que importa fogir deste mal, dizendo, q̃ a muitos deu
 a tristeza morte: *Multos enim occidit tristitia*. Este receyo
 parece q̃ tinha Jacob, quando queixando-se aos filhos, q̃ com
 suas importunações lhe tiravão a vida, disse q̃ temia que cõ a
 muita tristeza o fisessem ir velho, como era, aos infernos; no q̃
 (como S. Augustinho considéra) mostrou q̃ receava senho-
 rear-se d'elle tanto a tristeza, q̃ com a muita perturbação da al-
 ma perdesse o premio do Ceo, & fosse ao inferno: *Videtur
 hoc magis timuisse, ne nimia tristitiâ sic turbaretur, ut nõ
 ad requiem beatorũ iret, sed ad inferos peccatorũ*. Assim
 avisava o Apostolo S. Paulo aos de Corinto, q̃ tivessem cuida-
 do

do de cōsolar a hū q̄ elle tinha reprehendido, & sabia que estava triste, temendo q̄ se houvesse quē o reprehendesse ainda mais, lhe accrescentassē tristesa sobre tristesa, & o confundissē: *Ne fortè abundantiori tristitiã absorbeat*. Cōsolai a esse peccador, cōpadeceivos delle, animai-o, & alegrai-o, porque por ventura não se afogue no mar da tristesa, como o que fez naufragio nas ondas do mar. O mesmo S. Paulo fugia desta sobegidão de tristesas, quando avisava os mesmos Corinthios, q̄ assim ordenassē bē suas cousas, q̄ quãdo elle fosse a Corintho, não as achasse tão mal ordenadas, q̄ lhe dessem tristesa sobre tristesa: *Ut non cū venero, tristitiã super tristitiã habeam*. Tãto perturba a demasiada tristesa, q̄ a temeo Jacob, temeo a Paulo. Com tudo diz S. Chrysostomo, q̄ se não pôde passar a vida sem tristesa; porque se a vida he fogueita a tantos trabalhos, & molestias, destas procedem de continuo as tristesas; mas nenhūas ha de q̄ não tenhamos consolação na sagrada Escriitura. Tendes tristesa, porque vos vedes cercado de cuidados, & negocios da vida? Ouvi a consolação q̄ David dà, quando pergunta à sua alma porque està triste? *Spera in Deo*: Esperai em Deos, ponde nelle vossa confiança, confessai-o por Deos, & Senhor vosso, q̄ vos ha de valer, & soccorrer na mayor inquietação de vosso espirito. Vedes-vos pobre, & por isso estais triste? Ouvi o Psalmista, q̄ diz: *Iacta super Dñm curam tuam, & ipse te enutriet*. Ponde vosso pensamēto em Deos, q̄ elle terà cuidado de vos sustetar. Vedes-vos perseguido, & murmurado da gēte? Fazei o q̄ fazia David: *Ipsi detrahebant mihi, ego autē orabā*. Tinha inimigos q̄ me perseguião, & cortavão por mim, & por minha honra, & eu orava, & encōmendava-os a Deos. A oração era meu refugio, & minha consolação. E quando via q̄ elles nem por isso deixavão de falar, & murmurar, porq̄ me queria Deos castigar nisso: *Ego autem tanquam surdus non audiebam, & sicut mutus non aperiens os suum*. Eu para não perder o merecimento de minha paciencia, fazia que os não ouvia, & já

2. Cor. 2.

2. Cor. 2.

Psal. 41.

Psal. 54.

Psal. 37.

já mais abri bocca para lhe responder, como se fora mudo. Esta lição he hum espiritual alimento do homem triste, que faz hũa alma forte, & constante para lançar fóra toda a confusão, & perturbação, que a tristesa lhe póde dar.

Seneca.

Seneca dà muitos conselhos para hũa pessoa dimittir de si a tristesa, & para a não haver diz, q̄ duas cousas havemos de por de parte, receyo do q̄ póde succeder, & lembrança do passado; porque isto já nos não pertence, & aquillo ainda não nos toca, & quando nos virmos com difficuldades presentes, digamos que algum hora nos agrada à lembrarnos dellas: *For san & hac olim meminisse juvabit.* Contra a tristesa nos havemos de armar, porque de outro modo se nos acanhamos, vence ella; & se nos animamos, fica ella vencida. Muitos por si mesmos chamaõ a si os males a que haviaõ de resistir. O inimigo he mais pernicioso aos que fogem, & se lhe resistem, já a cousa vai de outra maneira. Não tenhamos pois tristesa senão de nossos peccados, que esta tristesa he boa, & proveitosa, esta não tira, nem consome a vida, antes a dà; & desta diz S. Paulo, que ha hũa tristesa segundo Deos, a qual

Virgil.

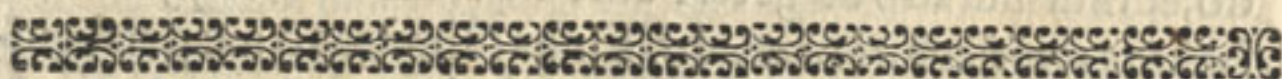
2. Cor. 7.

faz obrar penitencia para a salvação das almas: *Quæ secundum Deum tristitia est, pœnitentiam in salutem operatur.*

Aos que nesta vida se acompanhão desta tristesa, promete Deos bemaventurança, & gostos que nunca hão de ter fim:

Lnc. 6.

Gaudebit cor vestrum, & gaudium vestrum nemo tollet à vobis.



Casia.

Nobresa.

Consideração primeira.

Ex. 30.

Psal. 44.

A Divina Escrittura faz menção da Casia, que he hũa arvore aromatica, que se dà no Oriente, a qual por boas cófrontações se tem por sem duvida ser a mesma, cuja cortiça he

he a canella que da India vem. Tratando Plinio da Casia, isto dá a entender, dizendo della estas palavras: *Casia gustu est quàm maximè fervens, lento tempore leniter mordens, colore purpureo, quæque plurima, minimum ponderis habet.* A Casia mastigada na bocca queima devagar com hũa acrimonia, que lhe dà suave labor; a sua cor he purpurea, a casca dura, & forte, as folhas vermelhas como sangue, muita della em quantidade faz pouco peso. He pois a Casia, ou canella, significadora da nobresa; porque este nome Casia, que parece Caldeo, quer dizer nobresa. Por isso quando Job vio que Deos o restituia em dobro aos bens que lhe tinha tirado, & lhe dava tres filhas fermosissimas, chamou a hũa dellas Casia, ou Kesia, que quer dizer: *Nobilis ut Casia*, nobre como a canella, comparando a filha a esta arvore Casia, que assim como era tida pela mais nobre, & excellente das que havia no Oriente, assim né em belleza, & fermosura havia quẽ igualasse a Casia filha sua, dizendo a divina Escriitura: *Non sunt inventæ mulieres speciosæ sicut tres filie Job in universa terra.* Em toda a terra se não acharão molheres mais fermosas, que as tres filhas de Job. Chamando-se outra Jemina, que quer dizer: *Pulchra ut dies*, Fermosa como o dia. E a terceira: *Cornus tibia*, que quer dizer enfeite, & ornato das molheres, porque devia esta com ser fermosa, ser tambem amiga de se compor, & concertar bem, propriedade das que o são.

Plinio.

Iob 24.

Consideração segunda.

A Quelle verso do Psalmo quarenta & quatro, aonde David apregoa mil graças, & perseguições que havia de ter o Messias vindo à terra: *Myrrha, & gutta, & casia à vestimentis tuis à domibus eburneis.* Quer dizer, segundo a doutrina dos Santos Padres, que tomando o Filho de Deos a natureza humana, como de vestido cercaria della sua Divindade,

Historia

dade, procedendo essa humildade santissima das entranhas da Virgem, mais puras que o branco marfim; & que essa natureza humana recebida delle lançaria de si Myrrha, Casia, & outras especies de cheiros aromaticos, & odoriferos; porque se entende que da Humanidade de Christo havia de manar fragrança de varias virtudes, & que nelle havia de haver nobresa, doutrina, milagres, & graças soberanas, com q̄ trouxesse a si as almas presas de seu divino amor. E por isso diz:

Psal. 44.

Adducentur regi virgines post eam. Apoz essa divindade vestida de nossa natureza, irão as almas dos escolhidos, & irão *In letitia, & exultatione*, com alegria, & contentamento, porque nenhum ha que chegue ao de quem deixando o mundo vai apoz Christo.

Consideração terceira.

Laert.

Aristoteles, & Platão apregoarão muitos louvores da nobresa, & fiserão varias especies della. A primeira daquelles que de seus primeiros progenitores tiverão ser nobres, & de sangue real. A segunda daquelles que por serem ricos, & poderosos vierão a ser nobres. A terceira daquelles, q̄ por feitos heroicos forão dignos de alcançar nobresa. Mas a quarta, que a todas leva ventagem, he daquelles que virtudes proprias, & raras excellencias do animo fiserão nobres. Aristoteles ajunta a quinta parte de nobresa, que attribue aos letrados, & sabios famosos, que as sciencias fiserão illustres, não sómente ennobrecendo a elles, & suas gerações, mas ainda as terras, & cidades donde forão naturaes. Estas duas ultimas especies de nobresa são as que mais se devem estimar. Da que procede de geração dizia S. Jeronymo, q̄ já mais se gloriará de pays nobres, & progenitores illustres; porque esta nobresa não parecia sua propria, mas de seus antepassados, como dizia Ulysses na opposição das armas de Aquilles.

Hieron.

*Sed genus, & proavos, & quæ non fecimus ipsi,
Vix ea nostra voco.*

Ovid.

Os feitos de meus antepassados refcaflamente os posso chamar meus, & a sua nobresa minha. Pois aquella he verdadeira nobresa, que consiste no esplendor de virtudes proprias:

Summa apud Deum nobilitas est clarum esse virtutibus.

Hieron.

Ser hũa pessoa dotada de virtudes he para com Deos grande nobresa. Seneca entendeo isto muito bẽ quando disse:

Quid stultius, quàm aliquem eo sibi placere, quod ipse non fecit?

Seneca.

Que cousa mais nescia, que gloriarse alguem daquillo q̃ não fez, como o filho das façanhas com que o pay se ennobreceo?

Non facit nobilem atrium plenum fumosis imaginibus.

Não vos faz nobre o pateo cheyo de imagens antigas de vofos antepassados, que forão dignos de eterna fama. Não viverão elles para nòs termos jactancia de seus merecimentos,

& gloria de suas proefas: *Animus facit nobilem.* O animo

faz a pessoa nobre, quando tem brio para se levantar sobre si, em qualquer estado, & condição que se veja. Queixava-se a

El-Rey Antigonno hum mancebo, que sendo filho de hũ pay grande Capitão, & famoso por seus feitos, lhe não davão of-

ficio de preheminencia na guerra, ao que respondeo Antigonno: Eu não dou premios aos merecimentos dos pays, mas

aos dos filhos: *Apud me, adolescens, virorum, non parentum virtuti premia sunt.*

Plutar.

Não se dão premios à virtude dos que forão, mas aos que hoje são. Porque os que forão para si forão, & não para nòs: *Nemo in nostram gloriam vivit.*

Seneca.

A proposito do que tratamos, foi avisada a reposta, que deu Affonso Rey de Aragão, celebre por sua sabedoria, ao

qual estando louvando hum vassallo seu da nobresa que tinha, & profapia de que descendia, respondeo elle: Que nar-

da menos estimava na vida, que aquillo de que elles fazião

tanto caso; porque aquelle louvor que lhe davão, não era seu, senão de seus antepassados, que viverão, & governa-

rão o Reyno com justiça, inteireza, & verdade, deixando o

Reyno

Reyno a seus successores, não por herança, mas por encargo, & que então lhes ficava por honra, quando por virtude, & não por testamento aceitavão o governo della.

Consideração quarta.

SÃO Chrysoftomo diz, que ha hũa só verdadeira, & géral nobresa, a qual consiste em fazer a vontade de Deos; não ha nobresa, & fidalguia igual a esta. Se vos quereis jaçar que a tendes, mostrai a liberdade de vosso animo, que ha de ser, qual a tinhão os Profetas, & os Apostolos, que reprehendião, & admoestavão com fortaleza, & generosidade: *Si nobilitatem tuam ostentare placet, libertatem mihi animi ostende.*

Em outro lugar diz elle, que a todos deu o Senhor hũa igual nobresa, quando teve por bem chamar-se Pay de todos. E pois he Pay nobre, sejam os filhos nobres. Jaçtavaõse os Judeos, q̄ eraõ filhos de Abrahaõ Patriarca nobilissimo, mas não o que-rião imitar na virtude. Por onde o Senhor lhes disse, que se estimavaõ em tâto serem filhos de Abrahaõ, fizessem as obras que elle fazia. Os mesmos se gloriavaõ antigamente, que elles só eraõ filhos de Deos mais favorecidos d'elle, que outra algũa naçaõ; mas como deslustravaõ tudo com os vicios que tinhaõ, nada lhes aproveitava esta sua nobresa, da qual diz Chrysoftomo: *Judæi quondam filiorum Dei honore gaudebant, sed decoloratos vitiis, nihil juvit tanta nobilitas.* Por mais que vos jaçteis, que estais feito filho de Deos por adopçaõ, se a este nobre nome não ajuntais o merecimento da virtude, não sois nobre, senão baixo, & vil diante d'elle, & merecedor de muito mayor castigo. Por isso busquemos aquella nobresa, que consiste no esplendor das virtudes, & fujamos àquella vilesa que nos põem na miseria, & fealdade dos vicios.

Chryf.

Hieron.

A nobresa da alma he a que Deos estima, por isso diz S. Jeronymo, que dos homês ninguem para com Deos foi mais nobre

nobre que S. Pedro pobre pescador, & das molheres nenhũa mais illustre que Maria Esposa de hum carpinteiro; àquelle pobre pescador entregou as chaves do Ceo, & àquelle pobre Esposa deu ser Mãe de hum Filho Deos, & Homem, porque Deos escolheo as cousas mais desprezadas do mundo, para confundir as mais altas, & poderosas. O mesmo Santo escrevendo a Demetriade donzella santa, lhe aconselha, que ponha todo seu cuidado em adquirir virtudes, & graças do Ceo, & que se esqueça de riquezas, & bens da vida; de sorte, que com a nobresa que tinha, ajuntasse santidade, para que com o resplendor do sangue fosse mais nobre com a virtude da alma. Aquelle se tenha por nobre, aquelle por illustre, & sublime, que se despreza de servir aos vicios, & não ser vencido delles; porque daquelle he cada hum servo, de quem he vencido, & sojugado. Nem ha cousa mais indigna, que o cattiveiro da alma, nem cousa mais infame, que servir ao demonio. Nem ha para que ninguem se glorie da nobresa de geração, se da melhor, & mais nobre parte está cattivo. E peyor he ter cattiva a alma, q̃ o corpo: *Non est quòd sibi aliquis de nobilitate generis blandiatur, si ex meliore parte sit famulus.*

I. Cor. I.

Hieron.

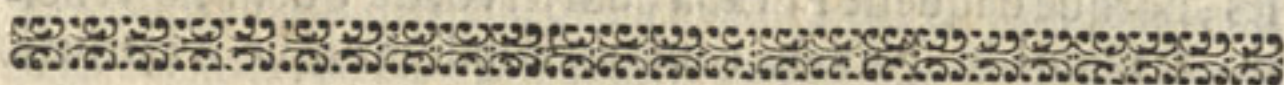
Santo Ambrosio estranha muito os que se ensoberbecem por se verem nobres, ou ricos: *Quid superbis dives, qui dicis pauperi: Noli me tangere?* De que te ensoberbeces rico, q̃ não queres que o pobre chegue a ti? Não es tu feito da terra, como o pobre o he? *Quid te jactas de nobilitate prosapia?* Que te jactas da nobresa de tua geração? Teme rico, que os merecimentos de teus antepassados não achem confusão em ti, & tu os afrontes com tuas dissoluções, & a elles se diga, porque gerarão tal filho, ignominia de sua geração. E porque elegerão tal herdeiro, que lhes herdou a fazenda, & não os bons costumes: *Mala nobilitas est, quæ se per superbiã apud Deum reddit ignobilem,* diz Santo Augustinho: Não he boa aquella nobresa, que por soberba sua para com Deos se faz vil, & baixa; nem a nobresa que o sangue traz apro-

Ambr.

August.

veita muito; mas aquella que a alma adquire por virtude, he a que Deos estima, esta se busque, desta se faça caso. A nobresa da Alma Santa consiste nas Chagas de Christo, na Cruz de Christo, & em Christo crucificado; porque elle quer que cada hum de nós o traga crucificado comfigo, & no seu coração, como anel no dedo, & como sinal sobre o peito: *Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum.* Deste modo o trazia S. Paulo, & por isso de nenhũa outra nobresa se gloriava, senão da Cruz de Christo, em o qual o mundo lhe estava crucificado, & elle ao mundo. Desta Cruz recebem nobresa, & gloria as almas santas, & o povo escolhido de Deos. E fóra de Deos não ha nobresa, & com ella toda a gloria, & luz de eterno resplendor.

Cant. 8.



Cypro.

Caridade.

Consideração primeira.

Cant. I.

Cant. 4.

Agath.

Cant. I.

O Cypro he planta referida em as divinas letras, arvore que se dà no Egypto, hũa das principaes que se chamão aromaticas, & cheirosas. O que esta arvore de si produz, dizem alguns Authores, que he o mesmo que entre nós se chama alcanfor; porque dà de si huns cachos como de uvas, que se compõem de huns grãos ao modo de incenso, que juntos em hum fazem hũa goma preciosa. Pelo q̄ Agathio Guidesserio varão doutissimo, interpretando aquellas palavras da Pastora do Ceo: *Botrus Cypri dilectus meus mihi*, verte elle deste modo: *Racemos Camphoræ amor meus mihi*: he para mim hum cacho de alcanfor o meu amor. Por isso nelle se significa a caridade, porque a experiencia mostra, q̄ acendendo-se qualquer grão de alcanfor, & pondo-se em agoa, não sómente se não apaga, mas antes a agoa lhe serve como de oleo que o acende mais. Assim que a agoa, q̄ costuma apagar

gar o fogo, faz arder, & levantar mayor chamma ao alcanfor. Notavel comparação da caridade, que quando se houvera de apagar com agoas de ingratições, ou perseguições, então se acende, & inflâma mais: *Aqua multa non potuerunt extinguere charitatem*, diz a mesma Esposa: Muitas agoas não puderão extinguir a caridade; vem sobre ella rios, & enchentes de agoas, vem males, & amarguras, & no meyo do mar tēpestuoso nenhūas ondas matão seu fogo. Por isso: *Racemus Camphoræ amor meus mihi*. He para mim o meu querido hum cacho de alcanfor; porque quando elle tinha muita razão de me não ter amor algum, pelas ingratições que em mim vê, culpas que commetto, & desserviços que lhe faço, então me quer, & se inflamma em meu amor: *Racemus Camphoræ*: Cacho de alcanfor que se acende com agoa, que apaga outro qualquer fogo. Tal era o fogo de nosso Deos, que quando na sua Payxaõ se havia de apagar com as ingratições do seu povo, & com os tormentos que lhe davão, a tempo que David, diz elle: *Intraverunt aqua usque ad animam meam*. Entrãrão-me as agoas das tribulações até a alma. Então se lhe acendia mais o fogo de seu divino amor; & por isso dizia na Cruz, que tinha sede, porque ainda que as agoas de seus tormentos forão muitas, a elle pareciaõ pequenas pingas, por isso pede mais agoa, porque lhe cresce a sede: *Racemus Camphoræ*, era cacho de alcanfor. O fogo de alcatraõ he tão forte, que só com vinagre se apaga; & o fogo de nosso Deos era tão intenso, que nem com vinagre que lhe derão a beber, se apagou: *O ignis qui semper ardes, & nunquam extingueris!* diz o grande Augustinho. Oh fogo de meu eterno Deos, que sempre ardeis, & nunca vos apagais, sempre ferveis, & nunca esfriais! porque quando friesas dos homens houverão de apagar as chammãs de vosso divino amor, então são ellas mais ardentes, mais inflammadas. Esta he a condição da perfeita caridade, acenderse mais com as occasiões que pretendem consumilla, & apagalla, de que

Cant. 8.

Psal. 68.

Ioan. 19.

Mat. 27.

Ioan. 19.

August.

*Casiod.**Aponio.**Anselm.**Hugo.*

fica sendo conveniente figura o alcanfor, que produz o Cipro. Assim o dão a entender os Padres antigos que falão desta planta; ainda que Casiodoro quer, que por ella se entenda a Graça; Aponio, a Paciencia; Santo Anselmo, a Santidade, que cresce em grande altura, & produz cachos de boas obras, com q̄ se faz hum unguento, q̄ deleita muito a Deos. Hugo de S. Victore quer q̄ por ella se entenda o bom governo, os Prelados, & Reytores, q̄ tem à sua conta subditos a q̄ mandão.

Carvalho.

Fortaleza.

*Consideração primeira.**Plinius.**Plinius.**Plinius.**Plinius.*

O Carvalho he geroglyfico da Fortaleza, arvore de muita veneração para com os Antigos, os quaes tinham para si, que fora ella a primeira que a terra produziu; de cujo fructo se sustentarão os homens na primeira idade. Os Arcades, como se gloriavão q̄ forão os primeiros homẽs do mundo, antes q̄ houvesse Lua, Sol, & Estrellas, dizião q̄ tinham parentesco com os Carvalhos, por serem as primeiras arvores que na terra houve, como elles os primeiros que dessa terra nascerão, & por isso se chamavão Terrigenas, não querendo admittir, que nascessem de geração humana, como a mais gente, mas da mesma terra como Adão; assim que de Arcadia procedeo o uso antigo da coroa de carvalho, que para com elles era symbolo de Antiquidade; mas para com os Romanos o foi de Fortaleza, & assim davão elles coroa de Carvalho em sinal de Fortaleza, a quem defendia, ou livrava a patria dos inimigos, ou a quem com invencivel peito, & animo constante reprimira algũa conjuração contra ella: donde dizia Gellio, que bem se devia a Cicero coroa de Carvalho, pois com tanto esforço, & valentia livrara a patria de tão poderosos inimigos. Daqui vinha, que muitos Emperadores

man-

mandavão lavrar em os cunhos das moedas circulos de ramos de carvalho com letras em redor, que dizião serem elles defensores do Imperio. Tambem se dava esta coroa ao soldado, que na guerra livrava algum Cidadão de perigo de morte, ou de poder dos inimigos. E o que merecia esta coroa era muy venerado de todos, & tinha lugar em os jogos publicos junto aos Senadores; o Senado se lhe levantava, & não sómente elle, mas tambem o pay erão admittidos a dignidades publicas; o filho pelo merecer por seu esforço, & o pay por ter filho tão proveitoso ao bem publico. Não ha duvida em o carvalho significar fortaleza, conforme o diz Festo, & Ruffino, donde veyo, que Robur nome que em Latim significa o Carvalho, tambem significa Fortaleza, por ser a madeira desta arvore muito forte, & dura, chamandólhe alguns incorrupta. Assim não lemos, que a maça de Hercules fosse de ferro, como erão as outras, mas de carvalho, significador de sua invencivel fortaleza. O Profeta Amos, falando da muita que havia no Amorrheo, diz delle, que era forte como o carvalho: *Fortis ipse quasi quercus*. Não comparando suas forças a outra arvore senão a esta, donde lhe procede tal significação. Lucano quando louva a Pompeyo de valeroso, & esforçado, faz comparação delle ao carvalho.

*Festus.**Ruffin.**Amos**Lucan.**Consideração segunda.*

A Fortaleza dizem alguns Authores, que he hũa virtude, que peleja pelo que he justo, & defende a verdade. Outros, que he hũa louvavel ousadia contra os perigos em que se não teme a morte, nem se respeitão interesses da vida. Outros, que he hum affecto da alma, com que desprezamos todas as perdas, & danos que não estão em nossa mão. As partes da fortaleza são quatro, Magnificencia, Confiança, Paciencia, & Perseverança. A Magnificencia he hum generoso pensamento de cousas grandes com proposito de as acometer.

metter. A Confiança he hũa imaginação, que propõem em si firmes esperanças de alcançar algũa cousa. A Paciencia he hũ voluntario sofrimento de cousas arduas, & difficultosas, causa de muito louvor, & proveito proprio. A perseverança he hũa determinação estavel, & permanente em algũa ração bẽ considerada. Estas são as quatro partes da fortaleza com as quaes fica ella sendo Dom do Espirito Santo, quarto grao da sabedoria, nascido do amor de Deos, ornamento de todas as virtudes, desprezadora da morte, chave que abre a casa de Deos, vencedora de asperesas, pão celestial, que conforta a Elias em o deserto. Esta he a que prevalece contra a pobreza, para que não desmaye o coração do pobre voluntario. Esta he a que padecedor, & no mayor conflicto dà graças a Deos; esta a que nas tribulações acha delicias, & nos trabalhos riquezas, & no mayor mal mayor bem. Esta a que sustenta o edificio da boa obra, a qual se David tivera, não commettera tão graves peccados; & se Sansão se armara della, não o entregara sua mulher a seus inimigos; & se S. Pedro a conservara, não negara a Christo à voz de hũa escrava.

A fortaleza, diz Santo Ambrosio, não consiste nas forças do corpo, mas sua gloria està na virtude do coração, nem tanto em vingar aggravos, mas em os tirar, donde Moyles começou a mostrar que era forte, quando defendeo o Israelita, que o Egypcio injuriava, & o matou, & soterrou na areia. E Job querendo mostrar sua fortaleza, diz: Que muitas vezes tinha tirado o pobre das unhas do poderoso, & o desamparado das mãos de quem o affligia: *Salvum feci pauperem de manu potentis, & pupillum, cui non erat adjutor, adjuvi.*

Em duas cousas se vê a fortaleza do animo. A primeira, em desprezar grandes cousas, & vencerse a si mesmo no desejo dellas, não se deixar levar de gostos do mundo, nem se perturbar com as adversidades, nem levantar-se com as prosperidades. A segunda consiste em procurar todas as cousas, em que apparece virtude, & resplendor de santidade. Esta

he

he a fortaleza que tem o soldado de Christo, o qual se não pe-
 lejar legitimamente, não será coroado. S. Gregorio diz, que 2. Tim. 2.
Gregor.
 a fortaleza dos Justos he hũa, & outra a dos peccadores. Por-
 que a do Justo he vencerse a si mesmo, & suas payxões, resis-
 tir aos appetites, amar as perseguições por alcançar premio eterno.
 Mas a fortaleza dos malignos he buscar, & amar as cousas
 transitorias, seguir as vaidades, & não dar orelhas aos avisos
 dos Ceos, nem sentir seus castigos, nem tratar de emenda.
 Por isso pelo Psalmista se diz aos escolhidos: *Viriliter agite,
 & confortetur cor vestrum, omnes qui speratis in Domi-* Psal. 30.
no. Todos os que tendes postas vossas esperanças em o Se-
 nhor, estai de bom coração, tende animo, & fortaleza, não
 duvidando, que aquelle em quem esperais, vos ha de acudir
 na mayor tentação com seu soccorro, & misericordia. Aos re-
 probos se diz por Isaias: *Vae qui potentes estis ad potandum* Isai. 3.
vinum, & viri fortes admiscendam ebrietatē. Ay de vós ri-
 cos, & poderosos do mundo, que se sois fortes, & valentes, só
 o sois para comerdes, & beberdes, nisso mostrais vossa fortaleza,
 & poder! Mas muito melhor se declara hũa, & outra fortaleza
 das q' agora tratamos, naquellas palavras do mesmo Isaias:
Qui timent Dominum, mutabunt fortitudinem. Os que te- Isai. 40.
 mem ao Senhor, mudarão sua fortaleza. Pois se os bons mu-
 dão a fortaleza, he para se melhorar de outra, deixando a for-
 taleza do mundo, & tomando a do Ceo. E por isso diz: *Muta-*
bunt. Mudarão hũa por outra. Porque os mundanos tem sua
 fortaleza com que sofrem, & padecem molestias por alcançar
 bens do mundo, & vencem mil contrariédades por sahirem
 com o que pretendem. Esta fortaleza mundana por favor do
 Ceo se muda em outra celestial, & soberana, quando hũa alma
 convertida a Deos, inflammada de seu divino amor, ne-
 hũa cousa da vida teme, & acomete as mais difficultosas por
 assegurar bens eternos.

Confideração terceira.

Muitos Filósofos Gentios forão dotados de fortaleza admiravel, mas como nella faltava o lume da verdadeira Fé, & a virtude da Caridade, não podia tal fortaleza ter em si perfeição. Pergunta Seneca, que cousa seja fortaleza, & responde, que he hum fortalecimento inexpugnavel da fraqueza humana, hum castello guarnecido de boa defensão: *Fortitudo munimentum est humanae imbecillitatis inexpugnabile.* Assim diz elle, que tem por forte, não o que vence grandes batalhas, mas o que se vence a si, & o que com nenhum maligno successo se perturba, & com o mesmo semblante de rosto ouve as tristes novas, que as boas, como o forte Eneas dizia à Sibylla Cumea:

Non ulla laborum

O virgo nova mi, facies inopina ve surgit.

Omnia percepi, atque animo mecum ipse peregi.

Para mim não ha genero de trabalhos, nenhum me pôde vir de repente, que tudo tenho já previsto, & premeditado. Nada me podem dizer, que eu a mim mesmo não tenha muito antes dito: *Hominem paravi ad humana*, diz Seneca. Como homem que sou, estou aparelhado para successos humanos, menos os hey de sentir, porque os soube prevenir, & golpes que se esperão sentemse menos, porque se reparaõ melhor. Socrates teve nome de forte, porque a nenhum mal se mostrou timido, nunca mudou, nem perdeu a cor do rosto por grandes sobressaltos que tivesse, nem algum hora mostrou o semblante, ou mais alegre, ou mais triste do que costumava, ainda que lhe publicassem sentença de morte apoz grãdes ignominias: *Aequalis fuit in tanta inaequalitate.* Igual foi em tão grande desigualdade. Invejavalhe Antisthenes esta fortaleza admiravel, & dizia, que para ter felicidade na vida tinha bastante virtude, & que só tinha necessidade da fortaleza de

So-

Socrates: *Ullare opus non habeo, nisi Socratico robore.* É dizia bem, porque Socrates tinha feito callo de sofrimento para todas as cousas que sobreviessem. *Plutar.*

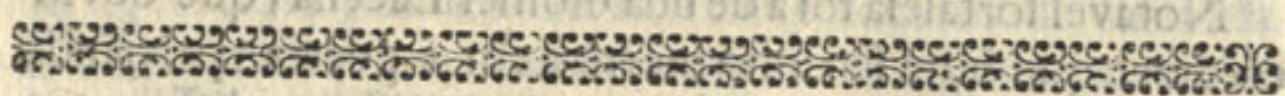
Notavel fortaleza foi a de hũa molher Lacena, que ouvindo dizer que hum seu filho morrerã em a guerra, pelejando varonilmente, sem se perturbar, nem entristecer disse:

*Plorentur timidi, mi infletus humabere nate,
Et matre hac verè dignus es, & patriã.*

Os filhos cobardes, & timidos, sejam prãteados de suas mãys, mas vòs meu filho, sem lagrymas minhas fereis enterrado, que por forte, & valente sois digno de tal mãy, & de tão boa patria. Aquella santa matrona, mãy dos sette filhos Macabeos, quando vio a fortaleza com que os filhos padecẽrão tão grandes tormentos pela Fé do verdadeiro Deos, quasi que os desconhecia de filhos seus, não podendo crer que parira ella filhos dotados de tanta fortaleza: *Nescio qualiter in utero meo apparuistis*, dizia ella. Não sei como andastes nas minhas entranhas. Não fui eu a que vos dei esse espirito generoso, & essa vida tão despresadora da morte, porque de hũa molher tão fraca não podiaõ nascer filhos tão fortes, quasi que vos desconheço de meus; porque vosso espirito he do Ceo, vossa fortaleza he mais que humana. David dizia, que sua fortaleza era Deos: *Fortitudo mea, & laus mea Dominus.* *Có Ps. 117.* Com esta fortaleza venceo ao mundo, & suas vaidades, com esta despresou seus deleites, & fez penitencia dos passados. Desta se armou contra os combates do inimigo. Debalde agasalhamos alguns a Christo no aposento do coração, se à porta não pusermos a pedra da fortaleza, para que com ella tolhamos a entrada dos inimigos, que são os vicios que combatem o bõ estado da vida santa, & procuraõ destruir o que louvavelmente està edificado para a vida eterna. Não vencem estes ao forte, & constante varaõ, porque este confiando em o Senhor, como monte de Sion: *Non movebitur in æternum.* *Ps. 124.* É ainda que com aduersidades, & tentaçõs pareça que o mundo

Horat.

mundo se acaba para elle: *Impavidum ferient ruinae*. Sem temor espera os golpes contrarios, & com o sofrimento vence qualquer tribulação.



Junco do Egypto.

Abstinencia.

Consideração primeira.

Isai. 18.

Pierio.

O Junco do Egypto he o que os Latinos chamão Papyrus, nome que agora significa o papel, porque primeiro se costumou escrever em hūas taboas desta planta Papyrus, ficando o mesmo nome ao papel, q̄ depois se inventou. Cresce esta arvore no Egypto de forte, que se fazem embarcações della; & disto faz menção Isaias, quando falando do Egypto, diz que he terra, que manda Embayxadores a outros Reynos: *In vasis papyri super aquas*. Em embarcações desta arvore Papyro, com que se navega sobre as agoas. E ainda agora nas partes do Oriente chamão Juncos a algūas em que navegão. Diz Plinio, que as raizes desta arvore se comem, & que são alimento de gente abstinente. He esta arvore figura da abstinencia, como diz Pierio. Por ser manjar, que com pouco trabalho se acha na terra, & satisfaz a fome. Procedeo isto, que os Egypcios no principio do mundo occupavāose em descobrir os movimentos do Ceo, o curso do Sol, & dos Planetas, & de todas as mais cousas, que pertencem à Astrologia, de que elles forão Authores, & por isso não comião carne, nem vinho, para terem os entendimentos claros, não os engrossando a sobegidão dos manjares; nem comião ovos, nē leite, dizendo, que os ovos he carne liquida, & o leite sangue, que muda sómente a cor de vermelho em branco. Não forão elles só os que passavão a vida com tanta abstinencia, porque tambem os Athenienses em seus principios se sustentavão só de figos; os Arcadios de lande; os Indios de hūas cannas

cha-

chamadas Calamo; os Egypcios das raizes desta arvore Papyro, os Carmanos das palmeiras, os Sauromatas de milho, os Persas de cardamo. E algũas nações hião com o gado pacer aos campos, comendo hervas que nelle achavão. Parece que advertiãõ estes, que o primeiro manjar que Deos creou na terra, antes de crear o Sol, & as Estrellas, forão hervas do campo: *Germinet terra herbam virentem*. Hervas forão a primeira igoaria, que Deos appresentou ao homem, destas comiãõ, & destas se sustentavão no principio do mundo, & estes manjares de hervas, & fruttos ordenou Deos para sustento dos homens; mas elles depois ordenarão outros por industria que a gula lhes administrou; & fez se a gula tão industriosa pelo tempo adiante, que depois de converter em manjares tanta variedade de carnes, & peixes, que cria a terra, & mar, chegou a fazer manjares de ouro moido, com suas quintas essencias destilladas. E Cleopatra Rainha do Egypto, dava a comer a Marco Antonio perolas preciosas de infinito valor, desfeitas em pó. Dizem os Filosofos, que por aquelles meynos, pelos quaes se recupera a faude, por esses mesmos se ha de conservar; quando perdemos a boa, pela abstinencia a recuperamos, logo pela abstinencia a devemos conservar. Diz o Comico, que os comerres leves refreão os appetites entre os limites da natureza, & os artificiosos os dilatão muito. Não sei (diz elle) como abominamos a gente que suspeitamos podernos dar peçonha em alguma beberagem, & não aborrecemos os cozinheiros, que nos matão com suas potagens, & variedade de igoarias. Daqui nascem as doencas, & enfermidades, as quaes quando as temos, somos como os Athenienses, dos quaes diz Demades, que não tratavão de paz com os inimigos, senão depois de deixarem passar as boas occasiões, que tinham de vittoria.

A nõs outros nunca vem ao pensamento comer hervas, & comerres levissimos, senão quando estamos ardendo em febre, rodeados de mészinas, & xaropes; tratamos de

paz

Gen. I.

Demad.

Seneca.

paz, depois que o inimigo está de portas a dentro. A muitos nos acontece o que Seneca conta de Lisimaco entre os Scythas, que vendo-se apertado de terrível sede, entregou a si, & seus exercitos aos inimigos, & pedindo logo hum pucaro de agoa, que bebo, disse: Ah por quaõ pequeno gosto perdi taõ grande felicidade!

Laert.

Quantos por appetite de hum manjar, ou por hum pucaro de agoa de neve fóra de tempo, perdem a faude que podiaõ conservar muito bem sem agoa de neve, & sem golodices de manjares; perder tanto bem por deleites taõ breves; nunca o comer pouco fez mal, nem os manjares leves deixãraõ de fazer bem. Ceando hum Filosofo com Plataõ, que vio o comer limitado da sua mesa, disse; Que quem hũ dia ceasse com Plataõ, ao seguinte se acharia com muy boa disposiçaõ, dando a entender, que das demasiadas ceas se seguem achaques ao outro dia, & que dos comeres passados procedem males presentes. Bem advertia nisto Alexandre, quando por tirar a occasiã da gula ao seu exercito, desterrou delles aos cozinheiros famosos, dizendo: Que comfigo levava bons mestres dessa arte, como era cançasso do caminho, para lhe saber o jantar, & temperança do jantar, para lhe saber a cea. Os pilotos, ou mestres das naos, levados da cobiça deixãõ meter nellas muita fazenda, & mercancia, depois vãõ sempre dando à bomba, & alijando ao mar, porque não pôde a nao levar tanto, & vai fazendo agoa por ir aberta. Os q̃ levados do vicio da gula se enchem de muitos manjares, & igoarias, carregando o corpo de humores grossos, vãõ toda a vida descarregando por purgas, xaropes, & sangrias, trabalhando por lançar fóra enfermidades, que grangeãraõ com muito comer, & depois não remedeãõ com dietas de todo o anno.

Espi.

Espinheiro.

Delicias.

Consideração primeira.

Duas vezes se fala na sagrada Escriitura de hũa baixa sorte de planta cheia de espinhos, que commummente se acha nos matos, & lugares incultos, à qual chama Rhamnus; & bem considerado o que Santo Augustinho diz, declarando hum verso de David, aonde fala desta arvore, & o nome que os Autores lhe dão, he este Rhamnus o que entre nós se chama Espinheiro. E porque nosso intento he tratar de todas as plantas referidas na sagrada Escriitura, não deve esta ficar sem declaração do significado que tem; porque a sagrada Escriitura não fala della sem mysterio.

August.

No livro dos Juizes fingio hum Abimelec a seu proposito hũa fabula, (quando lhe não quizermos dar nome de metaphora) que as arvores depois que commetterão muitas que fossem rainha de todas ellas, (que nenhũa quiz aceitar o sceptro, & mando) forão offerecer isto ao Rhamno, mata espinhosa, a qual ainda que conhecia sua baixa sorte, & inhabilidade para ser preferida às arvores, por fim aceitou a coroa, & determinou se governar seu Imperio, como que nenhũa tinha para essa dignidade mais partes que ella.

Jud. 9.

O Profeta Rey no Psalmo cincoenta & sexto, falando com os peccadores que se dão a gostos, & delicias da vida, ameaçando-os com castigo do Ceo, diz assim: *Præiusquam inteligerent spinæ vestrae Rhamnum sicut viventes, sic in ira absorbet eos.* O que declarando Santo Augustinho diz, que por este Rhamno, ou Espinheiro se entende m delicias, gostos, & prazeres da vida, que por fim te em espinhos de perpetua dor, & tormento. E estes quer David que logo no principio os cortemos, antes que cresçam, & venhaõ a fazer grandes.

Psal. 57.

August.

August.

des. Por isso, oh peccadores: *Priusquam intelligerent spina vestra Rhamnum*. Antes que estes espinhos de deleites do mundo venhão a endurecer, & a vossa malicia a crescer de forte, que com os peccados cresção os espinhos dos remordimentos, & agonias, que elles trazem consigo, antes que vossas almas se fação espinheiros, & plantas do mato; converteivos a Deos, porque de outro modo a sua ira vos soverterà com a facilidade, que quando a terra se abre, soverte aos viventes. Pois olhai que por isso Deos repentinamente mata a muitos na flor da idade, que por fim em corpo, & alma hão de ser sovertidos nesse inferno. Tratai agora de arrancar de vossas almas estes espinhos, & cercaivos de outros, que vos sejam muito proveitosos, pois são de penitencia, quaes David os teve, & com a dor que lhe causavão, & elle não aborreçia, nos dà relação do effeito delles, dizendo: *Conversus sum in erumna mea, dum configitur spina*. Todo me converti em amargura, mas amargura suave, & proveitosa a minha alma, em quanto me traspassão, & ferem os espinhos de minha contrição, & arrependimento. Nestes nos deseja ver S. Chrystomo, quando diz, que estimara muito vernos a todos em delicias, não nestas, que como espinhos ferem, & matão nesta vida, mas naquellas que nascem das lagrymas, & penitencia; porque estas ainda que parecem rigorosas, & duras, cõ tudo dellas nascem as verdadeiras delicias, que sempre florecem.

Bem se chamão as delicias espinhos, porque fazem mal à alma, & corpo. A este de bem disposto fazem enfermo, de robusto fraco, de puro impuro, de casto torpe, de abstinente voraz; & assi por meyo destas delicias obra Satanàs males que não tem numero, & a alma cercada destes espinhos, fica naquelle estado em que a podemos imaginar debaixo daquelle nome de viuva, de que o Apostolo S. Paulo diz: *Quae in delitiis versatur, ea civis mortuae est*. O que S. Augustinho entende pela alma q̃ se dá a delicias, & nellas se occupa, a qual

Chryst.

August.

a qual sem duvida se póde ter por alma morta. Seneca diz, q̄ as delicias nos tem causado grandes males, & que estas lançarão a perder Imperios, & Reynos invenciveis. Nunca Roma declinou de sua felicidade, & Monarquia, senão depois que admittio em si as delicias de Reynos estrangeiros. A Annibal não vencerão, nem domarão inimigos, nem difficuldades de guerras prolixas, nem as neves dos montes Alpes, & por fim vencerão no delicias de Campania: *Armis vicit, vitiis victus est*, diz Seneca, o que por armas era invencivel, veyo a ser vencido dos vicios. Acabão delicias o que armas não pódem, & são muitos os que dellas se deixão vencer, muitos os que as buscão com tantas offensas de Deos. Nos sacrificios da Ley Velha não lemos, que mandasse Deos se usasse de mel, sendo assim, que em muitos mandava se lançasse azeite, farinha, sal, & cousas semelhantes, tirando mel, o q̄ S. Chrystomo notando, diz que he o mel figura dos deleites, & suavidade mundana: *Mel voluptatis indicium est, & suavitatis*. Este não quer Deos que entre de mistura em cousa que se lhe offerece, porque a Deos não contentão deleites mundanos, nem suavidade da vida, nem tudo o que representa doçura della: *Nulla mundana voluptas Deo placet*. E pelo menos hemuito de considerar, não serem delicias significadas em outra arvore, senão no Espinheiro, & isto basta para qualquer contemplativo fazer neste passo largas considerações, de q̄ tire motivos para buscar só as verdadeiras delicias, que Deos tem aparelhadas para os que nesta vida sabem desprezar as mundanas.

Seneca.

Seneca.

Chryst.

Aroeira.

Serviço.

Consideração primeira.

HE opinião de alguns Authores, q̄ foi a Aroeira hũa das arvores q̄ nomearão os falsos velhos, q̄ acusarão a casta

Dan. 13.

Ma.

Rod. Fe.

Matrona Sufanna, dizendo que a viraõ estar: *Sub schino*, & deste nome *Schinus*, naõ se acha que particular arvore seja, & que nome tenha entre nòs, senaõ de Aroeira, como diz hũ grave Author; porèm a naõ haver certesa que arvore fosse, menos a pôde haver do significado q̃ tem. Nesta nossa Hespanha querem curiosos, que a Aroeira signifique serviço. Ralões disso naõ as sinto, nem fundamentos, senaõ for o que escrevem desta planta Authores Medicos, que serve para muitas, & varias enfermidades, fazendo de quanto tem bons serviços aos mortaes, das suas folhas, da sua raiz, & do seu mesmo tronco, & ramos. Do fructo que dà, se faz hum oleo muito proveitoso para certas doencas. Tambem serve de dar rezina, que chamaõ almastiga, ou almecega, ainda que esta daõ as Aroeiras de Chio, Egypto, & de Italia, & naõ estas que temos entre nòs. A Aroeira nunca perde as folhas, & tem perpetua verdura, & por todas estas ralões he possivel que parecesse bem dar-lhe o significado que tem de serviço.

Limaõ.

Vontade.

Consideração primeira.

HE para notar, que sendo o Limoeiro planta de tanta estima em toda a parte, pela variedade, & fermosura de seus limões, naõ haver Author antigo que fale della. Significado que tenha naõ ha descobrillo. Entre nòs o limaõ diz vòtade. E pondo de parte a commua rafaõ que todos sabem, outras pôde haver mais idoneas, como conservar o limoeiro seus fructos todo o tempo que lhos deixaõ estar, & as suas folhas naõ cahirem nunca. A vontade assim ha de ser, em todo o tempo se ha de conservar no coração do homem, & nunca ha de cair, nem deixar de ser a mesma. E assim como o limoeiro nunca se vê orfaõ de fructo, nem a vontade o ha de ser de bõs desejos,